

Artigo: Worldbuilding, porXenoWarrior.

Ano 01

Edição
01

revista NUPO

Leia Contos de:

Carlírio Neto

Joe de Lima

Joo

Kurosaki Nunes

E os Quadrinhos de:

Mei Linwau

LKMazaki

Edição de Estreia

○ *NUPO* além das páginas do blog!





Sejam bem vindos à primeira edição da Revista Digital NUPO. O novo passo do grupo que debutou na internet no início de 2013 e que já divulgou o trabalho de mais de uma dúzia de artistas dos mais diferentes estilos e ramos de arte. De agora em diante o NUPO irá seguir em duas linhas paralelas: o blog e seus lançamentos periódicos e a revista, em edições **trimestrais**. Mais conteúdo, mais espaço de divulgação de novos artistas e a sempre a qualidade empregada em cada trabalho do grupo.

Nesta primeira edição temos o total de oito trabalhos, seis de autores já antigos do grupo e dois trabalhos de novos convidados.

Começamos esta edição com o quadrinho “Luzes Apagadas”, um one-shot de Mei Linwau. Na sequência Xeno Warrior faz sua estréia na revista com um artigo introdutório a um dos temas mais importantes para autores de fantasia e ficção-científica: Criação de Mundos, ou Worldbuilding. A ilustração de capa, de autoria de Augusto Rodrigues, tem seu espaço de destaque para apreciação no interior da revista também. Seguindo, temos quatro contos inéditos presentes: “A Jóia do Dragão” do autor convidado Joe de Lima, “O desafio de Haniel” de Kurosaki Nunes, “Para Sempre” um drama do autor convidado Joo e “Sommeliers do Sentimento” de Carlírio Neto. Por fim, mais um quadrinho: o primeiro capítulo da minissérie “Entre Lírios”, uma comédia romântica de LKMazaki.

Convidamos todos a apreciar esta primeira edição da nossa revista. Tenham uma boa leitura e continuem acompanhando os projetos do NUPO: **Cooperação Criativa**.

LKMazaki, organizadora da revista
lilian.mazaki@gmail.com

Equipe



Mazaki

Organizadora do grupo e proclamada como líder do mesmo. Redatora do blog Mundo Mazaki.



Se-chan

Designer e Diagramadora da Edição. Redatora do blog Kono - ai - Setsu.



Carlírio Neto

Escritor do NUPO. Dono e Redator do blog NETOIN!.



Mei Linwau

Ilustradora e Quadrinista do NUPO. Expoe outros trabalhos em seu blog Le chant du loup.



Kurosaki Nunes

Escritor do Nupo. Escritor e Autor da série Guardiões Dimensionais.



Augusto Rodrigues

Ilustrador e Quadrinista do NUPO. Criador do quadrinho Redo Ringo.



Xeno Warrior

Escritor do NUPO. Especialista em Ficção-Científica Distópica.



Índice

Luzes Apagadas

04

Por Mei Linwau

Gênero: Drama

11.....

Worldbuilding

Por XenoWarrior

Artigo

Ilustração

19

Por Augusto Rodrigues

11.....

A Jóia do Dragão

Por Joe de Lima

Gênero: Fantasia

O Desafio de Haniel

29

Por Kurosaki Nunes

Gênero: Fantasia

45.....

Para Sempre

Por Joo

Gênero: Drama/Sobrenatural

Sommeliers do Sentimento

60

Por Carlírio Neto

Gênero: Drama

45.....

Entre Lírios

Por LKMazaki

Gênero: Comédia/Romance

Luzes Apagadas

Mei Linwau



*Eu me lembro
bem,*



*que anos atrás,
aconteciam
muitos apagões.*



*Nessa época, ficávamos
acordados, fora de casa,
sentados na calçada.*

Conforme os postes apagavam,





Alguns apenas esperavam a tv desligar e dormiam.





Nem me fale, me esconderam dentro de um armário, como se isso fosse me salvar de sei-lá-do-que eles imaginavam!

Nessa época, tive vários sonhos estranhos... Achei mesmo que tudo ia acabar.



Todas as noites, depois de todas as tarefas do dia. Antes do sono chegar, em dias que não se podia sair, em dias cotidianos - o ambiente de socialização perfeito era a calçada.



Worldbuilding

Por XenoWarrior

Worldbuilding é um dos pontos mais importantes para os gêneros de fantasia e ficção-científica. Criar mundos verossímeis e equilibrados é um desafio e uma necessidade. Neste artigo todos os aspectos básicos dessa complexa arte são analisados.



Prezado artista, vamos falar de algo importante, sem preâmbulos: o seu mundo. Fisicamente, neste momento, esse mesmo deve ser o planeta Terra, sistema Sol, Via Láctea. . . Mas não é deste mundo que eu quero tratar, e sim o da sua obra.

Todo escritor, muitos desenhistas, e várias outras denominações artísticas, depois dos princípios em que se inspiram (leia-se roubam descaradamente) nas obras que lhe abriram a faísca da criatividade, começam a questionar os padrões estabelecidos pelo que veio antes. Começam a questionar: “mas por quê elfos tem orelhas pontudas?” “Mas como diabos desenvolveram um laser potente o suficiente pra derreter a armadura de uma espaçonave e não se derreter antes disso?” “Meu deus, POR QUÊ TODO ESCRITOR DE FANFIC ESCREVE SEXO COMO SE ESTIVESSE MONTANDO UMA MESA?!”

É a partir desses questionamentos que começamos a criar a nossa própria mitologia: o que nos definirá como escritores. No que seguiremos o estabelecido e no que burlaremos. Criação de mun-

do é um processo intensamente pessoal, e, ainda mais importante, um processo no qual cada questionamento levanta outros, de forma exponencial e explosiva. É algo que nós precisamos nos centrar, pois quanto mais detalhado e extenso seja o mundo e, por extensão, sua referência pessoal ao mundo, é fácil se perder nas perguntas e se perder nesse processo, ao invés de deixar o mundo crescer organicamente com os textos nele presentes e responder as perguntas menos críticas quando necessário.

De uma forma bem geral, existem quatro categorias de informações sobre um mundo ficcional.

1. O que é similar à realidade.

2. O que é padrão para universos similares.

3. O que é padrão da sua própria mitologia.

4. Particularidades do universo.



Como funciona cada estágio? Irei detalhá-los nos próximos parágrafos.

O que é similar à realidade. Esse é o estágio que, simultaneamente, sofre as alterações mais cruciais, e a menor quantidade de alterações. A primeira coisa a se pensar em um mundo sempre deve ser: “que concepções fundamentais irei abalar, e que concepções nortearão o leitor?”

É perfeitamente plausível, por exemplo, criar um universo em que a gravidade não existe. Isso levará a uma série de questionamentos, explosivamente. Como haverá um planeta, ou mundo, para as coisas se passarem? Há uma força mágica que cria planos onde coisas podem existir e as ancora neles? Que cria esferas? Tetraedros? É um universo onde humanos (assumo que há humanos, nesse exemplo, mas pode ser outra coisa a ser burlada na realidade) não podem pular? Onde não existem pássaros? Onde. . . Os questionamentos continuam e continuam, então ao se destruir uma similaridade à realidade tão crucial e nenhuma outra, ainda se precisam justificar muitas coisas. Mesmo assim, em um

mundo sem a força da gravidade, e explicitamente apenas sem a força da gravidade, os interlocutores da sua obra irão se nortear por outras coisas. Há calor, há humanos, há cidades e amor e justiça e todas as outras coisas que tomamos como padrão na nossa existência.

Nem toda obra de ficção se propõe a alterar o que é similar à realidade. Obras de ficção científica que se colocam firmemente no campo de “Hard SF” procuram trabalhar apenas com ciência estabelecida, extrapolação lógica baseada no conhecimento científico corrente, e, portanto, sem pedir licença para a realidade como conhecemos.

Isso, portanto, nos leva a dizer que o processo de alterar o que é similar a realidade pode ser algo extenso, tal como remover ou adicionar algo que afetaria os princípios básicos que unem nossa realidade, algo usual, como estabelecer a existência de alguma forma de magia, ou algo intocado, como, novamente, um universo que funciona exatamente como o nosso - o nosso universo, ou pelo menos, um quantitativamente próximo o suficiente para permitir que a história descrita se



desenvolva como se no nosso.

O que é padrão para universos similares. Uma vez estabelecido o padrão do universo, está definido, ao menos parcialmente, o gênero da história. Com este, você se encaixa no meio de várias obras, que vieram antes e virão depois, que definem Tropes, (uma palavra complexa que, em uma explicação rudimentar, define um misto de clichê e fundamentos de histórias) que por sua vez deixarão na mente do interlocutor uma concepção do que esperar de uma história que se define como sendo de um certo tipo e gênero. Leitores modernos, por exemplo, esperarão pontos comuns a Tolkien, George Martin, e Dungeons & Dragons ao ouvirem fantasia (ou, mais precisamente, High Fantasy). Entretanto, descuidados, podem pegar algo de fantasia urbana, um gênero significante diferente, com autores como Jim Butcher e J.K. Rowling.

Disso, podemos tirar que o universo definido anteriormente terá certas similaridades a outros universos. Poucos mundos de fantasia, por padrão, terão progredido tecnologicamente ao início da revolução industrial. A expectativa,

principalmente estabelecida por Tolkien, é um nível tecnológico próximo ao fim da era pós-clássica, entre os séculos XII-XVI. Tolkien mesmo, em sua obra, positiu a industrialização como algo inerentemente maligno. Já, obras de fantasia Steampunk (ou mesmo ficção científica steampunk) tipicamente criam um ambiente baseado no império britânico dos séculos XVIII-XIX, principalmente a era vitoriana (início do XIX-início do XX).

Em que o artista foge disso, e o que do padrão ele usará, possui bem mais nuances aqui. É neste ponto em que se determinará como funciona a magia em seu mundo, (Tem fontes divinas? É o arcano? É apenas bruxaria demoníaca? É preciso estudar uma vida inteira para se usá-la ou todos tem acesso?) se as naves espaciais voam FTL (Faster-Than-Light, mais rápido que a luz) por hiperespaço? Ou dobras espaciais? Talvez buracos de minhoca? Que forma de propulsão e energia se usa? Fissão? Fusão? Antimatéria? Alguma forma nova de reagir energia? Seus vampiros brilham no sol, ou são criaturas da noite, possivelmente sedutoras e possivelmente cruéis?



A maioria dos manuais de escrita lhe dirá para fugir do clichê, e sem dúvida, simplesmente utilizar o clichê sem explorar o porque não adiciona nada a obra. Mas, nessa parte do processo, se torna necessário tomar cuidado para simplesmente não inovar pela inovação, mas sim por motivos pensados. Não é nenhum demérito sua obra de fantasia ter o mesmo mundo “batido” medieval de espada e escudo, se os personagens e o enredo forem interessantes e nele bem encaixarem.

O que é padrão à própria mitologia. Este é um estágio que depende puramente das motivações e mensagens que o autor quer passar, e por quê. Seu mundo é repleto de alegorias religiosas? É um lugar de onde se vai suprir mensagens sobre feminismo? Comunismo? Sobre os

perigos do livre-arbítrio, ou é um paraíso imaginário de onde sairão histórias de conteúdo sexual expondo as vantagens do amor livre?

Algo que se observa com frequência é que histórias voltadas, por exemplo, para o público norte-americano tem similaridades sobre como apresentam mocinhos e bandidos. Não, necessariamente, que todos sejam iguais e facilmente identificáveis, mas que há temáticas comuns na apresentação. Personagens para os quais espera-se que o leitor torça são independentes, fortes. . . liberadores, não conquistadores. Defendem a liberdade do indivíduo de escolher seu próprio caminho, e se absteem de começar planos secretos e nefastos, se não de reagir a eles na mesma moeda.

Justiça, liberdade, e enriquecimento, sem exploração visível de outros humanos, são parte inerente do “herói”, independentemente de quantos tons de cinza existam entre o preto e o branco comumente procurados, ou mesmo se o personagem é um herói. Se o personagem enriquece às custas de centenas de pessoas morrendo em outro continente, provavelmente de outra etnia, sem entretanto a culpa recair diretamente sobre o herói e com apenas vaga alusão a esse fato, mesmo que seja simplesmente pelo personagem tomar do “vilão” os métodos pelo qual este enriquecia, isso não diminui o heroísmo. Em tese.



Aqui, portanto, o que entra é a questão de nuance e propaganda, dentro do universo criado pelo autor ou não. Poucas coisas são simplesmente preto no branco. Uma sociedade baseada em princípios de justiça e ordem não é, inherentemente, corrupta ou não. Mas a propaganda interna certamente irá expor à população uma era de ouro de justiça e lealdade, enquanto seus inimigos irão apontar inflexibilidade e falta de compaixão. Para um crime, há uma punição, sem atenuação ou considerações. Qual desses lados o autor irá mostrar, e porque? Uma inclinação pessoal à anarquia irá causar o autor a considerar que uma sociedade regrada assim seria anatema, e os personagens principais demonstrarão repúdio e tentarão desestabilizar a ordem. Mais importantemente, isso será considerado algo positivo no texto e no mundo. Quantos tons de cinza haverão, e porque eles existem, são chave desse estágio. Um mundo de absolutos morais é um mundo óbvio, repetitivo, em que as histórias sempre terão o mesmo final e passarão a mesma moral, e, portanto, um em que nada de interessante acontece. Quantas variações são possíveis em que um herói nasce na

cidade dos anjos e viaja para a terra dos demônios acabar com o plano de dominação mundial #331?

A consideração, então, que se deve fazer nessa fase de criação é criar um mundo vivo, interessante, e que, mesmo possuindo inclinações para se contar o tipo de história que se quer, (se o autor, por exemplo, quiser traçar um paralelo e passar morais feministas, uma série inteira pode ser escrita sobre subjugação, libertação, e integração de uma raça alienígena em um universo épico de ficção científica) seja atraente e passe nuances.

Para se contar uma história em que não há um herói ou vilão claro, ou em que o protagonista seja o vilão, é preciso primeiro existir um universo em que nós acreditemos que isso seja possível. Não é preciso outra Mordor, e mesmo incluir uma em seu universo não fará jus à Mordor de Tolkien. Em suma, é o estágio de considerações filosóficas e como elas são representadas pelas considerações físicas pensadas anteriormente.



Particularidades do Universo. Começar seu mundo de fantasia com uma enciclopédia, um atlas, e um tratado científico sobre partículas de Deus e como elas interagem com matéria bariônica é raro, é ambicioso, e é muito difícil de se publicar. Enquanto criar uma enciclopédia pessoal é útil, um universo cresce organicamente, na maioria das vezes. Mesmo com planejamento prévio, se a primeira (ou a décima) história a ser escrita se passa em um lugar geograficamente limitado, não é necessário, por exemplo, criar as minúcias de Tóquio quando a história é sobre um faxineiro orc em Estocolmo. E mesmo que essas minúcias já existam, elas podem ser mudadas se ainda não foram estabelecidas canonicamente e uma ideia melhor se apresentar.

As particularidades do universo, então, são os detalhes que realmente surtem algum efeito nas histórias desse universo. Para histórias curtas, em mundos que não irão se repetir. . . Crônicas, one-shots, uma pintura de um mundo visto em um sonho meio esquecido. . . elas podem ser as únicas considerações. Para um mundo épico, onde se planejam

várias histórias, sobre tudo? São os detalhes do agora. Do primeiro passo. Quem são esses personagens, e o que sua existência ou morte afetam? É o Rei Prometido, numa alusão à Arthur? É a primeira maga que pode usar magias exclusivas para homens que nasce nessa história? São colonistas esquecidos passando por uma nuvem de radiação letal e precisando decidir quem irá ter acesso aos recursos médicos limitados, e porque? A primeira história é o que os leitores terão acesso, e o que estabelecerá detalhes canônicos, que precisarão ser lembrados (ou corrigidos, de forma manipulativa para que não se perceba a quebra do já estabelecido) a cada nova história. O momento de estabelecer as particularidades é, então, quando o seu mundo está pronto para emergir do seu espaço particular e se tornar conhecido, admirado, e criticado.

Talvez, após ler tudo isso, meu interlocutor esteja se perguntando se há algum conselho concreto a ser dado, já que definitivamente nenhum foi passado. A resposta, simples e concreta: Não. Imaginação é algo maravilhoso, enorme, e subjetivo. Aquele que procura algo concreto



no qual se nortear precisa achar isso dentro de si mesmo. Toda história tem um público. Da mesma forma que nem todos apreciam ficção científica militar bruta como Dan Abnett escreve, nem todos apreciam os romances calorosos e eróticos de Nora Roberts. Um bom artista, entretanto, cria um mundo onde ambos são possíveis, muitas vezes usando os mesmos personagens amados e inesquecíveis, e trazendo públicos diferentes mais próximos, dessa forma, enriquecendo a cultura e pensamento de todos os envolvidos.

Tudo o que já disse, então, pode ser resumido em um conselho:

Crie um mundo tão interessante como os que te levaram a criá-los, e faça dele mais interessante para você mesmo do que eles.

Augusto Rodrigues

Ilustrador e Quadrinista do NUPO.
Criador do quadrinho Redo Ringo.
<https://ringochi.wordpress.com/>





A Joia do Dragão

Por Joe de Lima



Brand era um jovem caçador de dragões em busca de tesouros e poder. Sua próxima jornada era ir até a montanha chamada Pilar de Fogo, onde um lendário dragão habitava a mais de trezentos anos.

Mostre o caminho, Brilho Afiado!

O jovem Brand ergueu a espada de lâmina esmaltada, cor clara e densidade semelhante ao marfim. A arma refletiu o sol primaveril, espalhando raios de luz em todas as direções. No instante seguinte, os feixes converteram-se em uma única faixa luminosa que apontava para a montanha fumegante e sem cume.

O monte erguia-se como um espinho de rocha escura e lisa, em contraste com o verde da planície que o rodeava. A respiração de Brand acelerou. Na última estalagem, ficara sabendo que aquela montanha era conhecida como Pilar de Fogo e que um dragão já vivia ali a trezentos anos.

Diziam que a besta dormia durante décadas a fio, mas acordava ocasionalmente para cuspir chamas pelo alto do Pilar de Fogo. Nessas ocasiões, sua saliva escorria pela encosta na forma de um rio incandescente. A indicação da espada mágica não deixava dúvidas. Aquele era realmente o lar de um dragão.

O garoto embainhou Brilho Afiado e voltou para o cavalo. Após montar, precisou ajeitar as placas vermelhas no peito, sobre uma cota de malha tingida de preto. Usava enchimentos de tecido para compensar o fato da armadura não ter sido feita sob medida e, certamente, o sujeito que servira de modelo era bem maior.

— Vê, Soberano? Amanhã estaremos no covil de um dragão — disse ao cavalo. Como se pudesse compreender seu mestre, o potro emitiu um leve relincho aflito. — Nada tema, meu amigo. Amanhã deixarei de ser um aprendiz para tornar-me um cavaleiro. Serei chamado de Sir Brand, Matador de Dragões!

Empolgado com sonhos de glória e reconhecimento e olhares de donzelas, Brand cutucou as ancas de Soberano. Acima de tudo, agradava-o a ideia de livrar o mundo de mais um dragão. Chegaria o dia em que tais bestas deixariam de ser uma ameaça a humanidade.

No dia seguinte, ele aproximou-se da montanha com cautela. A vegetação rasteira terminava repentinamente para dar lugar à pedra. Sem árvores por perto, Brand amarrou o arreio de Soberano na estaca que usava para firmar a barraca e o fincou no chão.

Como as paredes rochosas pareciam muito íngremes, ele começou a dar a



volta, em busca de algum ponto de acesso. Minutos mais tarde, deparou-se com uma fissura que começava pouco acima de onde se encontrava. Espremeu-se pela passagem, rezando para não ficar emperrado.

Uma onda calor o atingiu assim que deixou a fissura para alcançar o interior do Pilar de Fogo. O suor logo ensopou o rosto. Brand viu-se em uma imensa câmara. Se tivesse tentado adentrar por cima, teria despenhado. Para baixo, a descida era menos desafiadora. Nuvens de vapor erguiam-se do solo aqui e ali. Mas do dragão, não havia sinal algum.

Brand desembainhou Brilho Afiado.

— Revele-me a localização do dragão.

A faixa luminosa não surgiu desta vez. Na penumbra das paredes rochosas a luz era insuficiente para a lâmina esmaltada fazer seu truque. O garoto começou a desconfiar que as lendas seriam apenas lendas. Então, sua atenção foi atraída para um brilho opaco no fundo da caverna.

Descendo até o piso da câmara, ele encontrou uma estranha formação. Quatro colunas rochosas rodeavam um altar de pedra, sobre o qual repousava uma jóia do tamanho de seu punho. A gema possuía uma bela cor alaranjada semi-transparente, semelhante ao âmbar e emitia uma luz fraca.

— Será uma jóia mágica? — disse para si mesmo. — É este o tesouro do dragão: uma única jóia em vez de um mar de dobrões de ouro? Brand desconfiou. Ele começou a bater Brilho Afiado na manopla esquerda, produzindo um som agudo.

— Eu convoco o senhor desta casa! — bradou a plenos pulmões. — Revele-se, seja quem for!

Sem aviso, o Pilar de Fogo tremeu. As emissões de vapor transformaram-se em jatos ardentes. O solo rachou, as pedras afundaram, mergulhando em um rio vermelho incandescente, até então oculto sob o chão. Brand precisou firmar os pés com força para não cair, apenas a área em torno do altar escapou do abalo. O garoto viu-se no alto de um espigão em meio a um lago de águas vermelhas lodosas e escaldantes.

Uma gigantesca criatura emergiu do rio de fogo, a cabeça e o pescoço ergueram-se bem acima do altar. As asas fechadas sobre o corpo colossal estenderam-se vagarosamente. Brand precisou se mover para fugir



do líquido vermelho que escorria pelas escamas do monstro. Os olhos do dragão encararam o garoto, a bocarra se abriu com um leve rugido surdo, fileiras intermináveis de dentes afiados apareceram.

— Quem é este que se atreve a invadir minha morada?

No espaço fechado da câmara, a voz do dragão ecoava como uma centena de trovões.

O coração de Brand quase saltou do peito. Era apenas a segunda vez que ficava tão próximo a uma criatura como essa.

A outra oportunidade ocorrera em sua infância, quando um dragão de escamas negras atacara o Forte Vägg. Os cavaleiros revidaram em grupo e, após um duro combate, conseguiram matar a fera, mas não antes do pai de Brand ser engolido de uma só vez.

O garoto reuniu toda a coragem para a resposta.

— Eu sou Brand, filho de Sir Modig, O Bravo, aprendiz de Sir Hämnd, O Vingador! Se atende por algum nome, dragão, diga-o, para que eu saiba quem é meu inimigo.

— Meus pares chamam-me Riddare — o rosto do dragão desceu até a altura do altar — Antes de declarar-vos meu inimigo, aprendiz, tenhas a consciência de que bater-me em confronto pode estar além de vossos recursos.

— Não o temo, pois trago comigo tudo o que preciso — Brand agitou Brilho Afiado. — Minha espada foi feita a partir de um dente do Escamas Negras, o dragão que matou meu pai. Essa arma pode tirar sangue de qualquer ser vivo.

— Pois bem, conheço vosso nome e reconheço o poder de vossa arma, entretanto, ignoro vosso negócio.

— Venho do reino Kungariket, onde os aprendizes precisam testar sua honra antes de serem chamados cavaleiros. Alguns salvam donzelas, outros se batem contra inimigos. Porém, aqueles com mais coragem desafiam dragões e levam alguma peça do tesouro do dragão como prova — Brand apontou o altar com a espada. — Vim desafiá-lo, Riddare. Esta jóia será a prova da vitória que alcançarei nesse dia!

O dragão soltou um riso abafado enquanto caminhava em volta da câmara. O porte marcial da imensa criatura chamou a atenção do ga-



roto.

— Irônico — disse Riddare. — Esperas comprovar vossa honra por meio de invasão, roubo e assassinato. Permita-me lançar-vos uma questão: existe uma razão em especial para desejar tirar-me o sangue ou trata-se somente de um suposto gesto de coragem, motivado pelo fulgor da juventude?

Brand ergueu Brilho Afiado, a emoção tomou conta de sua voz.

— Não se faça de inocente! Vocês, dragões, não passam de bestas que atacam aldeias, queimam tudo por onde passam e devoram pessoas, como o meu pai! Nunca os perdooarei por terem-no tirado de mim!

A expressão do dragão se fechou de repente.

— Não ouse falar comigo a respeito de perdas, filhote de homem! Riddare soprou um intenso jato de fogo. Brand agarrou firme o cabo de Brilho Afiado e protegeu-se atrás de um dos pilares rochosos, mas a poderosa labareda passou acima de sua cabeça.

O garoto deu-se conta da fragilidade de sua posição sobre o espigão, cercado de fogo por todos os lados. Por baixo da armadura, o suor encharcava as roupas.

— Tantos amigos... tantos amores... — Riddare falou para si mesmo. — Certas perdas são impossíveis de serem aceitas. Tudo o que se pode fazer é conformar-se.

Brand ficou confuso. O dragão prosseguiu.

— O tempo dos dragões está a esgotar-se em consequência de nossa falta de visão. Quando os homens eram jovens, falhamos em perceber o quão perigosos eram.

— Perigosos?! — Brand se ofendeu. — Nós?

— Os dragões são mais poderosos, porém, os homens superam-nos em número e são inacreditavelmente obstinados em destruir aquilo que são incapazes de dominar — Riddare voltou a encarar o garoto. — Os homens são nossos predadores, aprendiz.

O garoto baixou os olhos por um instante. O Escamas Negras não passava de uma fera selvagem, mas este dragão era bem diferente, tinha ares de nobreza. Se existisse uma corte desta espécie, Riddare seria o rei.

— Penso que compreendo sua dor e acredite quando digo que



lamento, mas isso não muda nada — Brand levantou o rosto com uma expressão determinada. — Mesmo que o respeite, seus semelhantes tiraram a vida de meu pai, de muitos pais. Não posso simplesmente fechar os olhos e esquecer tais mortes, nem hei de fraquejar diante do inimigo. Vou lutar para proteger o meu povo!

Riddare caminhou para perto da plataforma.

— Não vos iludas, aprendiz. Vós não sois um herói, sois um soldado na guerra entre nossas espécies, bem como vosso pai e como Svart.

— A quem se refere?

— O dragão a quem chamais Escamas Negras, seu nome era Svart, eu o conhecia. Ele veio ver-me antes de começar sua campanha pessoal contra os homens. Tentei convencê-lo a abandonar tal intento, porém fracasei. Svart parecia-se muito convosco, aprendiz. Era jovem, impetuoso e tinha o coração cheio de magoa, tudo porque um caçador de dragões matou-lhe a mãe.

— Eu... — Brand baixou Brilho Afiado. — Não sei o que pensar.

— Não há o que pensares, meu valoroso inimigo. Do mesmo modo como não me temeis, também eu não vos temo, aprendiz, ao contrário. Por séculos, tenho aguardado a chegada de um matador de dragões. Conheci nosso ponto vulnerável?

O garoto assentiu timidamente.

— Meu mestre, Sir Hämnd, disse que perfurar um ponto atrás do olho corta um nervo central e causa a morte do dragão de forma rápida.

— E indolor — acrescentou Riddare.

O dragão baixou a cabeça junto ao altar de pedra. Brand viu seu reflexo embaçado na grande pupila amarela e, após um instante, compreendeu a intenção de Riddare.

— Não posso fazer isso — disse o garoto.

— Estou fatigado, aprendiz. Fatigado de ver amigos morrerem, fatigado de lutar contra vossos semelhantes. Alegra-me que sejas um homem honrado a desferir o golpe final.

— E-eu não quero, não dessa maneira.

— Acaso não foi este o propósito de vossa vinda?

— Eu não sabia de nada quando entrei no Pilar de Fogo e ainda



não sei, mas quero saber. Conte-me mais.

Brand procurou postar-se de maneira confiante, mas o calor começava a afetá-lo. As pernas ficaram moles. Tentou enxugar o suor que transbordava na testa com o antebraço, mas não fez diferença.

— A temperatura faz vosso corpo vacilar, aprendiz — disse o dragão. — Faça-o agora e tornai-vos cavaleiro.

— Me recuso a matá-lo, Riddare. Não há honra alguma em ferir aqueles que não são nossos inimigos.

O dragão ergueu o pescoço e inspirou o ar, preparando-se para soprar fogo. Sua voz deixou a irritação transparecer.

— Parece-me que somente um ataque de minha parte vos motivará a agir.

— Talvez — Brand apoiou-se sobre os joelhos. — Mas sei que não fará isso. Quando vi meu reflexo no seu olhar, algo me ocorreu. Escolha-me, Riddare.

— Do que falas, aprendiz?

— Permita que eu leve a jóia, não como um espólio, mas como um símbolo de tua benção.

— Dar minha benção a um filhote de homem!? Com que propósito?

— Para ser sincero, ainda não sei. Mas meu pai me disse uma vez que os grandes homens não temem descobrir aonde um caminho diferente pode levar.

Brand viu a imagem do dragão perder o foco. Estava prestes a desmaiar. Riddare olhou para dentro de si, depois dirigiu o olhar de volta ao jovem. O dragão aspirou e soprou um jato de fogo. O garoto protegeu o rosto com os braços, certo de que seu fim havia chegado.

Um instante mais tarde, ele abriu os olhos. A jóia brilhava como nunca. As chamas batiam contra uma parede invisível diante do altar e eram desviadas ao largo.

O fogo cessou, a pedra mágica levitou em sua direção e se fundiu ao peitoral de sua armadura. De repente, Brand já não sentia calor algum.

— Revelei-vos a magia contida na jóia — disse o dragão.

Brand apanhou Brilho Afiado e curvou-se sobre um dos joelhos,



de maneira respeitosa.

— Agradeço seu voto de confiança. Não o decepcionarei.

— Ignoro aonde este caminho diferente levaras, mas escolho acreditar em ti — disse Riddare. — Agora, erga-se, Sir Brand, Cavaleiro do Dragão!

Autor: Joe de Lima

Nome: Jhoseph de Lima

E-mail: joedelima.blog@gmail.com

Blog: www.joedelima.blogspot.com

Participe do NUPO!

Submissões para a revista e
blog, envie e-mail para
nupogroup@gmail.com



NUPO Cooperação Criativa
<http://nupoblog.wordpress.com>



O Desafio de Haniel Por Kurosaki Nunes

Haniel é um jovem príncipe e um prodígio na arte da batalha. Chega o dia que seu império necessita de toda sua habilidade, em uma guerra contra a Tribo de Ferro e seu líder Czeslaw. Será que o príncipe será capaz de obter a vitória contra seu inimigo?



Dentre os continentes do mundo de Zeir, o maior deles chamado Nuwe, foi o berço de quatro dos povos que viriam a dominar todo o planeta. Dentre estes, os mais bem sucedidos nessa empreitada foram os Nulfir.

Os primeiros integrantes conhecidos dessa raça habitavam as planícies centrais de Nuwe. Com o passar dos séculos, parte deles se espalhou por todo o oeste do grande continente, chegando até o desconhecido continente de Leraw. Os que permaneceram fundaram a vila Tierna, que mais tarde se tornaria o Grande Império Tierna. O primeiro império criado por Nulfirs, um dos dez maiores reinos estabelecidos em Nuwe, com uma das capitais mais fortificadas e prósperas de toda a história de Zeir.

A história de Tierna é notória, com grandes conquistas na agricultura, escrita e militar. Isso a colocou na mira de outros reinos, que desejavam suas riquezas. Tendo um exército bem treinado, o império Tierna conseguiu reprimir muitos conflitos e ampliar o seu território. A confiança dessa nação quanto ao seu poderio militar era absurda, chegando a se auto-intitular a maior potência militar do mundo de Zeir.

Contudo, em 1350 do Calendário Exato Laireniano, uma série de eventos ocorreram culminando na trágica destruição desse mito.

Tudo começou com o súbito aparecimento dos denominados Povos Ocultos, cuja existência até então era desconhecida pelos demais povos de Zeir. Um deles, os Strilianos, atacou as cidades ao norte do império Tierna, que defendeu seu território com maestria. A guerra seguiu sem muitos problemas, até que um segundo povo invadiu suas fronteiras ao sul. Eles se autodenominavam A Tribo de Ferro, um povo guerreiro por natureza. Tinham pele cinzenta, sendo mais altos, com físico mais definido que os Nulfir e mestres na criação de armas e armaduras. Eram liderados por Czeslaw, um dos guerreiros mais cruéis que pisaram em toda Zeir.

Sua invasão foi rápida e surpreendente, destruindo as linhas de defesa e arrasando completamente quatro cidades que estavam em seu caminho para a capital do império, causando espanto em todos que souberam de tal atrocidade. Os invasores ainda enviaram uma carta ao Imperador Mikal III, soberano de Tierna, contendo uma mensagem que causou



um grande alvoroço entre os membros do Conselho Real.

“Eu, Czeslaw, líder da Tribo de Ferro, declaro como minha posse toda e qualquer terra neste assim chamado império Tierna. Submetam-se a nós como escravos ou pereçam como o reino Gorir.”

—Mas como ousam!—disse um dos conselheiros. —Além de macular nosso território com essa carnificina usam de mentiras para nos amedrontar, declarando-se os destruidores do reino Gorir! Sabemos muito bem que aquilo foi ato dos Strilianos!

—Não podemos considerar as declarações dele como falsas. —respondeu o conselheiro-chefe. — O reino Gorir foi totalmente destruído, restando poucos traços de sua existência. A brutalidade dos ataques é muito similar ao que ocorreu com as quatro cidades e totalmente diferente das táticas de guerra usadas pelos Strilianos.

O imperador, que estava em silêncio até aquele momento, levantou-se dizendo:

—Não é hora para ficarmos de conjeturas enquanto o nosso povo é morto. Convoquem os generais! Precisamos expulsá-los de nosso território agora!

Ciente de que a Tribo de Ferro passaria inevitavelmente pelo Desfiladeiro de Lurm, o imperador enviou o exército para lá, onde teve início um grande combate de quatro dias. Favorecidos pelo conhecimento da geografia local, o exército de Tierna conseguiu conter a invasão, conquistando diversas vitórias nos campos isolados de batalha. Porém, no quarto dia Czeslaw foi para a linha de frente, juntamente com aqueles que se autodenominavam “Os Seis Malditos”.

Esses seis guerreiros eram tidos como os mais cruéis e sanguinários de toda a Tribo de Ferro. Diferentes dos demais soldados, suas armaduras eram as que menos protegiam o corpo. Isso porque os seis possuíam uma pele tão dura quanto o aço, impenetrável a qualquer tipo de arma, cujos adversários em campo creditavam a algum tipo de magia proibida. Sua invulnerabilidade e ferocidade foram suficientes para que as tropas de Tierna e seus generais caíssem perante a Tribo de Ferro. Esse fato causou um tremendo baque na capital. Mas notícias piores se avizinhavam.



— Como é?! A cidade de Reiul se rendeu e o general Murou foi assassinado por Czeslaw?!— espantou-se o imperador.

— Sim, majestade. —respondeu o mensageiro. —O general perdeu a vida em um duelo um contra um diante de todos os habitantes da cidade.

—Que droga!—disse um dos conselheiros. —Como isso pode acontecer?

— É a maldição!— clamou outro.

— Do que está falando?

— Do que mais seria seu idiota? Sabe muito bem da verdade! Que nós Nulfirs, embora tidos como um dos povos primordiais, na verdade somos descendentes de um grupo rebelde do povo Elfir que foi expulso das florestas de El-Dahy por se recusarem a permanecerem lá! Os anciões Elfir rogaram a Deusa que amaldiçoasse nossos ancestrais e agora estamos sofrendo as consequências disso!

— Mas que blasfêmia é essa que dizes sobre a Deusa!? —exclamou outro conselheiro.

— Estou dizendo a mais pura verdade!

Uma forte discussão se iniciou no local até que o imperador bateu com seu cetro no chão chamando a atenção de todos. E disse, indignado:

— É por causa dessas discussões infantis que a origem dos Nulfirs é um segredo confiado ao Imperador e ao Círculo do Conselho. Se tivéssemos sido amaldiçoados pela Deusa, então por que ela permitiria que nossa raça se espalhasse pelo mundo?

E prosseguiu:

— Eu tomei medidas preventivas caso fôssemos derrotados em Lurm e convoquei o General Berach. A essa altura ele já deve estar a caminho daqui.

— Mas majestade, o general está guardando o norte dos Strilianos!— retrucou um dos conselheiros.

— Se cairmos perante a Tribo de Ferro não haverá norte para ser protegido! —respondeu o imperador. — Enquanto ele não chega, cabe a nós cuidarmos das cidades que estão no caminho de nossos inimigos. Não vou tolerar mais mortes de inocentes, fui claro?



— Sim, Vossa Majestade!—disseram os conselheiros.

De fato Berach, um dos maiores generais da história de Tierna, recebeu a mensagem do imperador pouco depois da derrota do exército em Lurm. Contudo, a viagem para a capital levaria dois dias e Czeslaw estava a um dia de lá. Sendo assim o conselho optou pela evacuação massiva dos povos que estavam no caminho da Tribo de Ferro, reunindo as tropas remanescentes sobre o comando do General Luo para defenderem a capital. Com isso, eles concentrariam todo o confronto em um ponto e resistiriam até a chegada de Berach.

O general partiu para a capital com mais de setenta por cento de suas tropas, deixando as demais sobre o comando do príncipe Haniel, único herdeiro do trono de Tierna, para que protegesse a fronteira. Na verdade esse também era um desejo do imperador, pois caso o império caísse nas mãos da Tribo de Ferro, com o príncipe a salvo ainda haveria alguma esperança.

Desde criança Haniel foi educado pelos maiores mestres de Tierna, tanto nas artes acadêmicas quanto nas artes militares. Dono de inteligência e capacidade invejada por muitos, com o tempo tornou-se um dos mais promissores jovens do Império. No entanto, toda essa capacidade fez com que a arrogância e descaso comessem a transparecer no rapaz. Mikal temia que isso prejudicasse o seu futuro e ao receber um conselho de Berach, que estava no palácio em uma determinada ocasião, deixou o príncipe aos seus cuidados.

Nos cinco anos que esteve ao lado de Berach, Haniel testemunhou tudo o que a guerra tinha a oferecer e todas as suas consequências. Após quase morrer em uma batalha que fez questão de participar por puro orgulho, o mesmo começou a repensar sua forma de agir. Ele não abandonou os campos de batalha, participando disfarçado na infantaria e na cavalaria. Isso lhe concedeu muita experiência em batalha e estratégias de guerra, enquanto o contato direto com o exército e o povo das cidades onde passava (ainda que o fizesse sem revelar sua identidade) o ajudou a moldar o seu próprio caráter e se tornar uma pessoa sempre disposta a defender os seus futuros súditos.

Por isso ele não ficou de braços cruzados quando soube da ame-



aça a capital. Fazendo as devidas preparações, Haniel partiu um dia após o general, levando além de sua guarda pessoal vinte dos trinta por cento restantes do exército de Berach para a batalha. Mas sua corrida até a capital foi interrompida quando se deparou com uma pequena cidade, totalmente destruída por tropas de assalto de Czeslaw.

Pasmo, o príncipe entrou naquela cidade com um grupo de trinta homens, descendo imediatamente do cavalo ao ver um pequeno grupo de mulheres e crianças brutalmente assassinadas. O estado em que se encontravam os corpos dos moradores da cidade era aterrorizante. Haniel tinha presenciado várias atrocidades na guerra, mas nenhuma se comparava com aquela.

— Me perdoem... — disse curvando-se em reverência aos mortos.
— Eu devia estar aqui para impedir isso. Prometo voltar para enterrá-los assim que tudo acabar.

— A ameaça que paira sobre o império de Tierna é muito maior do que imagina jovem príncipe. — declarou uma voz desconhecida.

— Quem está aí? — e ao dizer isso os soldados cercaram Haniel, protegendo-o.

— Se a Tribo de Ferro continuar, o primeiro império Nulfir do mundo deixará de existir. Não é esse o desejo divino para o seu povo. Nesse momento um vulto surgiu na frente deles gradativamente, revelando-se um ser humano, de cabelo vermelho arrepiado e olhos dourados.

— Ele... é um Laireniano! — disse um dos soldados.

— O Povo Elevado? — pensou o príncipe enquanto o homem se aproximava dizendo:

— A Tribo de Ferro é um dos povos mais guerreiros que caminham por Zeir. E como se não bastasse, existem os invulneráveis seis malditos. A queda de Tierna é apenas uma questão de tempo.

Um murmúrio se ouviu entre os soldados, mas Haniel retrucou:

— Tierna não vai cair. Não importa a força da Tribo de Ferro, eu não vou permitir que nosso reino seja subjugado por eles!

— Você sabe o que eles fizeram com o reino Gorir. E o destino que os seus generais tiveram em Lurm. Acredita mesmo que tem alguma chance? O seu pai vê em você a esperança de Tierna se levantar novamen-



te. Está claro que os Strilianos não irão atacar tão cedo, então porque não fica na fronteira em segurança?

— Milhares de soldados estão lutando em prol de nosso império. Eu nunca me perdoaria se permanecesse na fronteira. Eu sei que o meu pai preza pela minha segurança, mas para mim a vida de uma criança é mais valiosa que a minha própria. — e apontou para os cadáveres.

O homem misterioso sorriu. Caminhou lentamente até Haniel e disse:

— Você tem muita coragem, herdeiro de Tierna. Mas isso não é o bastante para vencer os seis malditos. Precisa de algo mais.

— E suponho que esteja aqui por causa disso, certo? Desde a translação que vocês lairenianos não aparecem diante de alguém, a não ser que tenham um bom motivo.

— Está absolutamente certo, príncipe Haniel. Eu vim lhe conceder a ferramenta que pode lhe dar a vitória. No entanto, você deverá descobrir como usá-la por si só. E se não estiver à altura do que lhe passo, morrerá nas mãos dos seus inimigos. Está disposto a fazê-lo?

— Estou preparado para qualquer coisa que o destino me reservar.

— Então estenda as mãos.

Com o dedo indicador direito o homem tocou nas palmas das mãos do príncipe e uma luz apareceu na mesma, tomando a forma de uma espada. Esta possuía o cabo de cor verde com pomo de mesma cor. Apesar de não ser uma arma muito chamativa, Haniel percebeu que não era uma espada comum.

— Os armamentos da Tribo de Ferro são de uma liga de metal rara e resistente, tal como as armas das tropas do General Berach. Mas essa espada é feita de uma liga diferente de tudo que você tenha visto. Apenas com ela você poderá destruir os seis malditos.

— Espera um pouco! — disse um dos soldados. — Você acha que vamos deixar nosso príncipe enfrentar os seis malditos? Nem os nossos generais foram capazes de derrotá-los!

— Esse não é o único problema. — respondeu Haniel tranquilamente. — Estava pensando no tempo gasto para matar esses homens.



Não estou dizendo que não o farei, mas estou preocupado com quantos dos nossos terão morrido até que eu consiga matar a todos. Sei que não serão batalhas rápidas e muito menos fáceis.

Todos se surpreenderam com as palavras do príncipe. Ele de fato estava decidido a lutar contra todos, mas visualizava todas as consequências possíveis de ter seis duelos. O laireniano então respondeu:

— Não se derruba uma árvore cortando os seus galhos.

— O que quer dizer?— indagou Haniel.

— Não posso falar mais do que isso. Só é permitido ao Povo Elevado interferir até certo ponto. Quando compreender o que eu disse, confie na lâmina de sua espada.

O príncipe desembainhou a espada, apontou-a na direção do homem e respondeu:

— Está certo. Provarei que sou digno de sua confiança.

O laireniano sorriu e caminhou para fora da cidade enquanto seu corpo foi de pouco em pouco se tornando transparente.

— Espera! Você não disse o seu nome!

— Sou apenas um armeiro laireniano.— respondeu ele desaparecendo.

Haniel encarou novamente aquela espada. Colocando-a novamente na bainha, ordenou aos soldados que montassem seus cavalos e cavalgaram com extrema velocidade em direção a capital. No caminho, o príncipe meditava no que o laireniano lhe tinha dito e como deveria proceder ao entrar no campo de batalha.

Já se passavam dezoito horas desde que Berach tinha chegado à capital de Tierna. Embora a força e sagacidade do general tivessem mudado o quadro da guerra em favor dos Nulfir, as tropas ainda tinham um tremendo impasse com os seis malditos. Tanto que um deles chamado Ur se aproximava cada vez mais do portão leste, aniquilando a todos com sua gláive.

Foi quando uma tropa surgiu à direita das principais linhas inimigas, no local onde as forças de Tierna definhavam. Outra tropa surgiu à esquerda, atrás de um grupo de arqueiros dizimando-os rapidamente. Esses ataques súbitos pegaram a Tribo de Ferro de surpresa, permitindo um



revide rápido dos soldados de Tierna. Ur olhou a sua direita e viu uma terceira tropa surgir, comandada por Haniel. Sem se importar ele partiu em direção ao príncipe, mas antes que desferisse um ataque, Haniel apressou seu cavalo e usou um golpe rápido e certeiro em Ur, que caiu gravemente ferido. O príncipe saltou do cavalo e avançou rapidamente contra o guerreiro, cortando-lhe a cabeça.

O alvoroço foi grande com a queda daquele que era tido como invencível. O príncipe chegou até um dos homens, que reconheceu ser um dos tenentes de Berach e perguntou:

— Qual é a nossa situação?

— Nada boa Alteza. Só conseguimos impedir que o portão central e o do leste caíssem por causa do pensamento rápido do general. Eliminamos algumas das forças da Tribo de Ferro, mas o principal problema é com os seis malditos. Estamos pressionando-os de volta, mas é apenas questão de tempo para virarem a batalha a seu favor.

— Onde está o General Berach?

— Ele se dirigiu a parte principal do campo de batalha. — disse apontando para o local. — Planeja derrotar Czeslaw, mas até agora não temos notícias.

— Derrotar Czeslaw...será que...— Haniel ergueu sua espada e começou a apontá-la em várias direções, até sentir uma energia estranha vinda de um local.

— Alteza?

— Digam aos seus homens que fortaleçam as defesas por aqui. Eu irei ao encontro do general.

— Sim senhor!

— Se eu entendi bem o que o laireniano quis dizer, então só tem um jeito de vencer os seis malditos. — pensava Haniel enquanto cavalgava.

O campo de batalha principal era palco de um dos combates mais extremos que aconteciam. De um lado um ofegante Berach, com ferimentos em todo o corpo, contra um Czeslaw imponente.

— Devo admitir que você me fez suar um pouco general.— disse-lhe Czeslaw.— Contudo, não foi capaz de me ferir.



— Parece que a pele invulnerável não era um folclore afinal. — respondeu Berach. — Ainda assim, não quer dizer que você seja imortal.

— Acha mesmo que pode me vencer? Herdamos essa maldição por sermos os únicos a desafiar os deuses. Um corpo sem tato, sem sensação de temperatura, sem poder sentir o toque de nossas mulheres ou o abraço de nossos filhos. Mas em vez de amaldiçoarmos nosso destino, transformamos essa maldição em trunfo! Nem a magia mais poderosa ou a espada mais afiada podem nos ferir! Seu compatriota, o general Murou foi um oponente de valor e mesmo assim caiu morto perante mim. Acredita que seu destino será diferente?

Berach sabia que vencer não era fácil. Além de invulnerável, Czeslaw era um guerreiro habilidoso que tinha assassinado o general Murou, tido até então como um dos mais fortes da história de Tierna. Ainda assim ele manteve-se firme em sua meta e usou de sua espada para uma nova sequência de golpes rápidos e poderosos. Em um dado momento o general conseguiu quebrar a guarda de Czeslaw, mas antes que conseguisse aplicar o golpe teve o seu braço direito decepado pelo inimigo.

Berach recuou sangrando muito, tentando sacar sua espada curta enquanto seu oponente correu até ele para por um fim em sua vida, matando os soldados que tentavam inutilmente protegê-lo. Mas os gritos inimigos por sua derrota foram silenciados quando um homem a cavalo defendeu o ataque de Czeslaw. Era o príncipe, que tinha conseguido chegar a tempo. Porém o peso do golpe aplicado por Czeslaw foi tanto que derrubou Haniel do cavalo. Este se levantou sem maiores ferimentos, firmando a espada em suas mãos.

— Ora, ora... Pelo visto temos muitos soldados corajosos hoje. Pretende desafiar o homem que nem seu general conseguiu matar?

Nesse momento Berach era amparado pelos seus homens que cuidavam de seus ferimentos. Ao ver que era o príncipe que estava ali o general tentou desesperadamente ir até ele, mas não tinha forças.

— Já estou farto de matar seres imprudentes. — disse Czeslaw fazendo sinal para que um de seus homens atacasse. Entretanto o mesmo foi cortado ao meio por um rápido movimento do príncipe.

— Vejam só... parece que você não é um qualquer. Porém vai ser



preciso muito mais para que eu aceite duelar contra você.

— E se o seu oponente for Haniel, o primeiro príncipe de Tierna? — perguntou o rapaz, surpreendendo a Czeslaw.

— O que? Você é o príncipe?

— E também sou aquele que matou um dos seis malditos!

As palavras de Haniel pegaram Czeslaw, Berach e a todos de surpresa. A princípio o líder da tribo duvidou, mas percebeu pela expressão do rapaz que este não mentia. De fato ele tinha percebido um alvoreço enorme do campo leste, mas jamais iria imaginar que um de seus comandantes tinha sido morto. Sua expressão então mudou drasticamente.

— Príncipe de Tierna ou não... Vai se arrepender por ter matado um de meus irmãos. — disse sacando lentamente a espada. E olhando para os seus homens disse:

— Esse combate é de um contra um. Quem se intrometer será morto!

Czeslaw disse isso, pois sabia que se aquele fosse mesmo o príncipe, o baque causado por sua morte seria enorme, podendo fazer o imperador anunciar a rendição ou realizar um movimento suicida.

Firmando a espada em suas mãos, o príncipe começou a caminhar em volta de Czeslaw no sentido horário. Este permaneceu imóvel, esperando o seu primeiro movimento. Haniel posicionou-se a sua esquerda e partiu em sua direção para desferir o primeiro golpe, mas Czeslaw simplesmente moveu sua mão esquerda com sua espada e defendeu-se. O Nulfir continuou a atacar com ferocidade aplicando múltiplos ataques que eram bloqueados ou evitados. Em um dado momento, o guerreiro girou sua espada com a mão direita, para atacar o lado direito do príncipe. Este percebeu o movimento e recuou rapidamente, evitando o ataque.

— Muito bom... esses não são os movimentos de um principiante. — comentou Czeslaw.

Haniel passou a segurar a espada com a mão direita, mudando sua postura de luta. Dessa vez o líder da Tribo de Ferro se defendeu e contra atacou. Ambos começaram uma troca de golpes até que o príncipe, aplicando um ataque mais intenso, fez seu oponente perder o equilíbrio. Ele aproveitou-se disso para atacá-lo, mas percebeu tarde que Czeslaw o



atraiu para uma armadilha, aplicando um golpe de espada tão forte que lançou Haniel ao chão, mesmo tendo defendido. Logo após o impacto, o príncipe teve que girar o corpo para o lado para não ser espetado no chão. Quando se levantou, usou a espada para bloquear um poderoso golpe canhoto de espada de seu oponente, mas sofreu uma pancada no estomago causada pelo punho direito do inimigo e foi lançado a cinco metros de distância.

Haniel se levantou levando a mão ao peito, checando o dano causado pelo soco. A seguir observou os punhos de Czeslaw e constatou que havia um tipo de proteção com algumas protuberâncias nos mesmos.

— Devo estar perdendo a prática, você conseguiu escapar dos meus golpes mais poderosos...— disse Czeslaw.— Pois bem, vou me assegurar que isso não aconteça novamente.

O príncipe retomou a investida, atacando seu oponente com golpes precisos e rápidos. Czeslaw seguiu na esquiva e aproveitou um momento para golpear o rapaz com um golpe na horizontal. Este se afastou dando um passo para trás e mais outro para evitar um segundo golpe, partindo para o contra ataque. Desta vez Haniel usou toda a força que tinha para tirar a guarda de seu inimigo, aproveitando que ele utilizava apenas uma das mãos para segurar a espada, e aplicou uma investida com a lâmina na horizontal, que passou ao lado de Czeslaw.

Daí em diante eles atacavam com muito mais ímpeto, até que Czeslaw foi ferido no braço e surpreso recuou imediatamente. Percebendo que aquela não era uma espada comum, aumentou sua ferocidade, disposto a definir logo aquela luta e obter tal arma capaz de feri-lo. Ele pressionou Haniel com golpes cada vez mais fortes até conseguir quebrar sua guarda, desferindo um golpe na vertical, que teria cortado o príncipe ao meio se este não tivesse recuado. Ainda assim o ataque atingiu a vista direita do herdeiro de Tierna.

Czeslaw aproveitou o momento para um golpe decisivo, mas o príncipe reagiu por instinto dando um golpe de espada a esmo, que por pouco não acertou ao líder da Tribo de Ferro. Este recuou, visando outra oportunidade de matá-lo.

Haniel passou a mão direita na vista tirando parte do sangue e fir-



mou a espada nas mãos. O duelo seguiu com Czeslaw levando vantagem, agora que o Nulfir só podia contar com a visão esquerda. Mas isso não significava um combate fácil para o líder da Tribo de Ferro.

A pressão do combate era tanta que alguns dos soldados nem mesmo lutavam, assistindo a cena. Foi quando o príncipe levou mais um golpe do lado direito, e aplicou outro no lado esquerdo de Czeslaw. Porém o líder da Tribo de Ferro não deu importância ao ferimento e aproveitando que Haniel tinha sentido o golpe, avançou numa investida para perfurar o seu peito. Era o momento de definir o combate.

Os livros de história dizem que foi um movimento digno de um grande guerreiro. Alguém que usou da mesma estratégia de seu oponente o atraindo para sua armadilha. Mas aos olhos de Berach, que presenciou o combate, foi apenas uma previsão arriscada do príncipe. Com seu campo de visão prejudicado, Haniel jogou o corpo para a esquerda, fazendo com que Czeslaw atingisse seu ombro em vez de seu peito, enquanto com a espada na mão esquerda ele atravessou o coração de seu oponente. Haniel soltou a arma, caindo no chão enquanto levava a mão esquerda ao local do ferimento, vendo Czeslaw cair sem vida.

O que aconteceu em seguida surpreendeu a todos, detendo inclusive os membros da Tribo de Ferro que foram em direção de Haniel para matá-lo. O corpo de Czeslaw começou a brilhar e uma energia de cor esmeralda saiu do corpo deste através do ferimento da espada. Logo surgiram outros focos de mesma cor, cinco para ser exato, saindo de outros pontos da batalha. O príncipe então se aproximou do corpo de seu inimigo e com as forças que lhe restava retirou a espada do peito deste e a levantou para o ar, num brado que foi imitado por todos os soldados de Tierna que presenciaram aquele momento. Não tardou para que a notícia se espalhasse por todo o campo de batalha.

A queda de Czeslaw causou um grande dano na moral da Tribo de Ferro. E para completar, um terceiro dos seis malditos saiu muito ferido de um confronto, o que os levou a pânico. A invulnerabilidade dos seis já não existia.

Após o brado de vitória, príncipe Haniel quase foi ao chão tomado pela exaustão, sendo amparado por dois soldados. Ainda existiam alguns



focos de combate espalhados, o que fazia dele um alvo em potencial de alguma vingança. No entanto a perda de seus maiores guerreiros pesou muito, levando a Tribo de Ferro a recuar. Ao fim daquele dia, os combates tinham se encerrado com a vitória do Grande Império Tierna.

Uma semana após o ocorrido, Haniel e Berach, parcialmente recuperados do combate foram ao palácio, seguidos pelo general Luo e outros oficiais e soldados que tinham realizado grandes feitos na guerra. Todos foram recebidos na capital como heróis, com gritos de alegria e aplausos vindos do povo. No entanto, dentro do palácio o príncipe foi durante recriminado pelo pai.

— Eu ordenei que ficasse na fronteira e não viesse para esse campo de batalha! E veja como voltas! Se não fosse pela Deusa você teria perdido mais que o seu olho direito! O que tem a me dizer filho? O que tem a me dizer?!

— Majestade...—disse—lhe Berach.— Embora como pai o senhor tenha motivos para tal recriminação, como imperador deve a vida ao jovem príncipe. Foi ele que matou Czeslaw.

— E porque ele teve sucesso onde você deveria ter tido?!— perguntou o imperador não conseguindo aceitar aquele fato. Mas ao olhar para o filho mais uma vez, notou a espada diferente que ele trazia em sua bainha.

— Que espada é essa? É uma arma da Tribo de Ferro?

— Essa espada foi me dada por um armeiro laireniano. A única arma capaz de matar os seis malditos. — respondeu Haniel. Comentários de admiração se ouviram naquela corte, pois poucas eram as vezes que um laireniano se apresentava fisicamente. E o jovem continuou:

— Embora eu tenha sido capaz de matar um dos seis malditos, a única forma de extinguir sua invulnerabilidade era pondo um fim em Czeslaw, o líder e provavelmente o culpado direto da maldição. Foi por isso que decidi enfrentá-lo.

O imperador manteve-se sério ouvindo o que Haniel contava. Os murmúrios ainda eram ouvidos perante cada declaração do príncipe.

— Pai. Eu sei que não agradou a ti minha desobediência. Porém,



eu não poderia ficar parado vendo nosso povo morrer. O laireniano me entregou essa arma porque era eu quem deveria fazer algo por eles e consegui. Não me arrependo de ter perdido a vista direita. E faria quantas vezes fossem necessárias, para que nossas crianças nunca mais sejam brutalmente assassinadas.

Ao ouvir isso, Mikal III levantou-se do trono. Todos ficaram em silêncio enquanto ele se aproximava de seu filho. E ao fitar os seus olhos lhe disse:

— Um laireniano é um mensageiro da Deusa. E se ela em sua sabedoria o julgou digno de usar tal arma, quem sou eu para questionar? Sou apenas um de muitos que deve a vida a você.

E disse mais:

— Como imperador, vendo o quanto você mudou concluo que foi sábio deixá-lo sobre a tutela de Berach todos esses anos. E como pai não poderia estar mais orgulhoso. — E ao dizer isso o abraçou. — Um dia serás um grande imperador, Haniel.

As palavras de Mikal III foram aplaudidas por todos ali. E passada toda a comoção começaram as premiações. Berach e Luo, os únicos generais sobreviventes, receberam prêmios e condecorações, assim como outros oficiais e soldados. Antes mesmo de se recuperar totalmente dos ferimentos, Berach retornou com seus homens a fronteira, visto que ataques Strilianos ainda eram uma ameaça. A cidade de Reiul foi duramente hostilizada pelos nobres da capital por se render, tanto que eles clamaram por uma punição exemplar, mas o próprio imperador decretou que ninguém deveria ser punido por tal ato.

Já o príncipe Haniel não retornou as fronteiras do norte. Ele voltou à cidade arrasada pela Tribo de Ferro, enterrou os corpos dos mortos como tinha prometido e ordenou que todos os Nulfirs de Tierna que encontraram o mesmo destino cruel deveriam ser enterrados apropriadamente. Medidas de emergência foram usadas para reconstruir as cidades e dar apoio aos que conseguiram escapar das garras da Tribo de Ferro com o príncipe cuidando pessoalmente dessa questão, enquanto o General Luo foi incumbido de preparar um novo plano de defesa para o país.

A Tribo de Ferro continuou a realizar ataques a Tierna em diver-



nas ocasiões, de forma rápida como antes, mas em escala menor. Alguns anos depois, uma invasão em larga escala foi orquestrada pela mesma. Tendo remanescentes dos seis malditos como líderes do exército, eles chegaram a conquistar alguns territórios na fronteira de Tierna com a floresta de El-Dahy, mas foram expulsos por Haniel, que juntamente do General Luo liderou uma campanha contra os invasores.

Passada a invasão o príncipe retornou ao palácio, onde permaneceu ajudando o seu pai na restauração do império. Vinte anos depois do grande confronto com a Tribo de Ferro, Haniel foi coroado Imperador de Tierna. Contrariando a tradição ele não adotou um novo nome em sua coroação, permanecendo com o de batismo.

Haniel governou Tierna sabiamente por quatro décadas. Ele se recusava a ficar sempre no palácio, saindo para visitar as províncias e povoados menores a fim de checar pessoalmente a situação das mesmas. Também foi um dos poucos imperadores que participava das batalhas, liderando o exército de Tierna em diversas ocasiões. A espada que lhe foi dada pelo laireniano continuou acompanhando-o nos combates, sendo para sempre lembrada como um símbolo da vitória dos Nulfir contra a Tribo de Ferro.

No entanto, Haniel nunca mais a utilizou em batalha.





A dona da pensão deu seus três costumeiros toques na porta, apenas para confirmar se Daniel estava vivo. Sua introspecção costumava intrigá-la, mas sua introspecção também pagava as mensalidades com antecedência, então ela abria mão de qualquer julgamento.

— Boa tarde, dona Ítala.

Sem desviar os olhos da apostila, o rapaz se manteve na mesma posição em que se sentara quatro horas antes, enquanto ouvia os passos satisfeitos da velha senhora se afastarem da porta. Estudava para concursos com a concentração de um monge, na certeza de que nunca saberia o suficiente e sempre estaria um passo atrás dos demais. Agarrava as páginas com o olhar e só as largava quando tinha certeza da total compreensão, o que levava horas - quando não, dias.

Operador de caixa em horário comercial, bolsista em administração e estudante ávido nos fins de semana, Daniel tinha preenchido sua vida com estímulos programados, abençoados pela segurança da rotina.

A interferência de dona Ítala trouxe-lhe a percepção de que a noite se aproximava e ainda não havia comido nada desde que acordara. Levantou-se e sentiu um leve estralo na coluna. Pegou a carteira, o celular, e encontrou as chaves debaixo de um maço de contas.

Saiu do quarto e, desviando o olhar do aposento vazio, trancou a porta, sem saber que estava destinado a jamais voltar.

Os prédios se erguiam sem medo contra o céu pesado daquele fim de tarde. Pessoas brotavam de todos os cantos, apressadas entre paredes e muros pichados com mensagens que nunca tinham tempo de ler. Enquanto caminhava até o mercadinho próximo, a mente de Daniel vagava entre fórmulas exatas e cronogramas intermináveis de trabalhos e projetos para a faculdade. Trazia em seu entorno uma névoa própria que o afastava do resto do mundo. Suas roupas — camisa branca folgada e jeans cinza — transmitiam a urgente necessidade de passar despercebido, o que poderia torná-lo antipático aos olhos de muita gente. Mas a vida era simplesmente mais confortável assim.



Com as mãos nos bolsos e o olhar fixo no nada, ele não percebeu de imediato que era seguido por uma borboleta negra, e quando o fez, ignorou-a. Mas ela estava decidida a se fazer enxergar e começou a rodeá-lo, girando no espaço, desavergonhadamente tentando chamar sua atenção. Num piscar de olhos, já eram três borboletas em volta do jovem, que teve de ceder à curiosidade e deixar-se seduzir pelo negre de suas asas, tão profundo quanto o céu que nunca vira uma estrela sequer. Mais delas chegavam, e começaram a mover-se como se quisessem guiá-lo para algum lugar. Criavam imagens no ar, seguiam padrões próprios, em um intrincado balé que a memória de Daniel jamais seria capaz de lembrar com precisão.

Ele as seguia em seu dançar hipnótico, até que a mancha negra que o rodeava se diluiu diante de seus olhos, tão rápido quanto se formou. Quinze, dez, três e finalmente uma borboleta restou em sua mão. Fitou-a com ternura. O desenho simétrico de suas asas era exótico, intrigante, perfeito. Porém, o cheiro de escapamento de motor o trouxe de volta à realidade e, quando por fim a última borboleta levantou voo para algum lugar entre os pedestres, ele se viu sozinho em meio aos carros em uma movimentada avenida do centro da cidade.

O rapaz ouvia atordoado aos gritos que vinham de todas as direções, seguidos por buzinas de carros e palavrões. Não entendia exatamente como chegou àquele lugar, muito menos como sairia dali. Perdido entre sons e imagens que dançavam em sua cabeça, soube ser tarde demais quando o calor de luzes altas acariciou suas costas e, virando-se em direção à elas, deparou-se com um carro a poucos metros de distância, avançando em sua direção. Estava incapaz de se mover. Seu cérebro não conseguia enviar mensagens ao corpo, que cambaleou frente a ideia da inexistência. As lágrimas não tiveram tempo de rolar e, enquanto o som estridente de freios rasgava lhe os ouvidos, o mundo se apagou.

Tum-dum...

... Porém seus batimentos cardíacos ainda ressoavam soltos, em algum lugar no escuro.

Tumdum...

Tum-dum...



Lentamente despertou para a consciência. Não havia mais barulho, e a tensão no ar se dissipara. Uma doce brisa aos poucos lhe acordava os sentidos. Sufocado pela escuridão que engolira a vívida avenida de momentos antes, tateava em volta procurando pelos óculos, até se dar conta de que enxergava as próprias mãos com perfeita nitidez, como nunca o fizera por toda a vida. Mas embora pudesse ver a si mesmo, as trevas que o cercavam eram impiedosas. Algo não estava certo. Não havia sol, lua ou estrelas — apenas um manto negro cobria o mundo, como se estivesse lá desde sempre. Com dificuldade viu que pessoas nas calçadas e janelas, os carros e até um avião, todos estavam de algum modo congelados em meio a suas ações, perversamente confinados em um mísero segundo. O tempo havia parado.

Assustado diante do carro paralisado em pleno movimento — que o teria atingido momentos antes — Daniel decidiu correr. Saiu por entre automóveis e pessoas inanimadas, virando a esquina mais próxima. Logo acordaria desse pesadelo, pensou, mas se viu retornando para o mesmo lugar de onde havia saído. Tentou mais uma vez, agora entrando em outra rua, sem sucesso. Todos os caminhos levavam ao mesmo local, um ponto no tempo e espaço onde ele estava condenado a congelar até a morte.

Foi quando sinos ressoaram ao longe. Sinos antigos e cheios de pesar, que tocavam tragédias desde o nascimento do homem, e nunca pararam desde então. Daniel sentia cada badalada como um golpe frio no peito. As sombras ao seu redor, que vinham de árvores, pessoas e objetos, se moveram coordenadamente e começaram a tomar forma perante o rapaz. Uma massa escura e uniforme se acomodou até tornar-se aparentemente viva. De dentro dela, emergiu um vulto. Toda a extensão de seu corpo era coberta por uma esvoaçante capa que trazia a noite consigo, agitada por um vento que não se sentia. Por debaixo do capuz, uma máscara branca cobria seu rosto, com duas fendas apenas para os olhos, negros e vazios como um abismo que abrigava a loucura a poucos pés de profundidade. A presença daquela figura era opressora, ainda que sutil.

— Não tenhais medo. — Disse a voz grave e melodiosa que alcançou os pontos mais profundos de Daniel, fazendo-o estremecer. — Encontramo-nos para dar fim a este ciclo que se encerra para ti. Homens e



mulheres, chefes de estado, religiosos, ricos e pobres... Corações puros e cérebros vazios... Todos passaram por mim para encontrar seu descanso ou seu tormento. Chegaste também tua hora, Daniel.

— Como... Como você sabe meu nome? — Respondeu ofegante o rapaz, sem entender o que ele mesmo proferia.

— Tua matéria perecerá em meus lábios para que sejas enfim livre da prisão da carne.

— Quem é você?

Ela desceu até Daniel, movendo-se como o próprio ar. Estendeu seus dedos longos para fora da capa, segurou-o pela mandíbula e, respirando sobre os lábios dele, sorriu perversamente.

— Eu sou a Morte.

O oxigênio que entrava nos pulmões de Daniel era cada vez mais frio, e o domínio sobre seu próprio corpo se esvaía através do toque do estranho ser. Agora tudo fazia sentido. Ele iria morrer. Aquele olhar por trás da máscara jamais o deixaria escapar.

— Não te deixes vencer pelo desespero. Tal sentimento de nada lhe serve agora. — disse lentamente a Morte, degustando cada palavra. — Sintas orgulho. O renascimento da matéria é a chave deste universo, o processo de renovação da própria vida, e tu és parte disso.

— Eu... — Daniel apenas ouvia, incapaz de esboçar uma reação, sufocado com toda a angústia, desespero e fascínio entalados em sua garganta. Ao mesmo tempo em que fitava com incredulidade a máscara à sua frente, queria também puxá-la e contemplar a face imortal de seu carrasco, absorver toda a história gravada em seus olhos impiedosos.

— Os frutos das sementes que plantastes são o que verdadeiramente fostes em vida, e o que serás daqui para a eternidade. Mostrai-me o que tens semeado. — A Morte cobriu com seus dedos gélidos os olhos do jovem e ele se viu em diversos lugares do passado. O quintal da casa em que morava na época da pré-escola, os fundos da biblioteca, o bebedouro do colegial, o quarto dos pais, o ponto de ônibus. Estivera em tantos



lugares que não mais se lembrava, e pouco se importava. Quase nada ali despertava memórias agradáveis... Até que avistou a passarela sobre um pequeno córrego. A brisa adocicada invadiu seus sentidos, causando-lhe um torpor instantâneo.

— É um lugar especial para ti.

Daniel reagiu negativamente, tentando disfarçar seu ressentimento.

— Não podes enganar a mim, pois assim como a Vida, estive ao seu lado todo esse tempo.

A memória foi tornando-se mais nítida, quase palpável. A passarela era coberta por árvores frondosas que se agrupavam ao redor do córrego, como que o protegendo de intempéries, e o céu era azul como se não houvesse outra cor no universo. Debruçados sobre um dos corrimãos — onde duas bicicletas também descansavam — estavam dois garotos de quatorze anos. Um deles, de pele bronzeada, corpo curvado e olhar distante, era Daniel. Estava cabisbaixo, tentando engolir lágrimas que insistiam em saltar aos olhos. Gustavo estava ao lado, irradiando luz própria, com sua pele alva e os cabelos castanho-claros caindo sobre os olhos. Coçava a ponta do nariz redondinho, como sempre fazia ao ficar sem saber o que dizer. Por fim, perguntou com uma expressão sem vida:

— Me passou seu endereço certinho, né? Senão, não quero ser culpado se minhas cartas não chegarem.

— Eu já disse que não gosto muito de escrever e vou demorar pra responder.

Qualquer pessoa se decepcionaria com o descaso de Daniel. Gustavo, porém, sabia que o desprezo disfarçado do amigo era apenas o medo de demonstrar seu afeto, e riu na certeza de que ele quis dizer exatamente o contrário.

Após mais alguns minutos de constrangedora contemplação da cidade ao longe, Daniel virou-se de costas (nunca teve força para encarar as pessoas, tinha medo de que os olhos pudessem revelar demais) e disse: — Eu não quero que você tenha amigos novos, Guto. — Sua voz falhou em alguns momentos, e seu estômago queimou de vergonha.

— Mas eu quero que você tenha muitos amigos, Dani. O mundo



precisa te ouvir arrotando “I Will Always Love You”!

— Eu não terei novos amigos. As outras pessoas são chatas.

— Eu também tenho meus momentos de chatice, como todo mundo.

— Mas é diferente. — Daniel já não conseguia mais conter o choro, e continuou entre soluços — Você é diferente.

Gustavo deixou escapar um sorriso terno, e disse:

— Você sempre me ajudou, Dani. Mesmo com todos os meus problemas de saúde e todo o trabalho que eu dou, me defendeu, me divertiu e me ensinou muito. Fez com que eu me sentisse especial, e eu aprecio isso... Tenho medo de me distanciar e não me sentir mais especial... — Ele pensou em parar de falar ao ver que o amigo seguia em seu choro copioso, parando apenas pra limpar o nariz nas mangas da blusa — ... Mas esse vai ser um desafio pra nós dois. A gente ainda tem uma vida inteira pra descobrir coisas novas e...

Em um gesto que estava guardado desde que chegara à passarela, Daniel de repente abraçou Gustavo, que sentindo as lágrimas grossas do amigo rolarem sobre seu pescoço, calou-se e retribuiu com toda a força que tinha. Nunca mais se sentiram tão confortáveis pelo resto de suas vidas.

Daniel e a Morte assistiam tudo, estáticos. O rapaz trazia os olhos úmidos, mas sua face estava desfigurada pela mágoa. Depois daquele dia, Gustavo jamais entrara em contato de novo. As notas de Daniel caíram, e ele tornara-se hostil, recluso. Saiu de casa aos dezessete anos, e desde então vivera por conta própria. Como prometeu, não teve novos amigos.

— Amores da juventude... — sussurrou a Morte — Muitos carregam até o último de seus dias o peso de paixões intocadas. Seus primeiros amores são como anéis que nunca perdem o brilho, e os quais sempre voltam a admirar nos momentos de solidão. São seus maiores tesouros, e suas mais profundas cicatrizes.

— Do que você está falando? — Daniel respondeu num surto de agressividade — Nós éramos amigos. Éramos.

— O amor vem em muitas formas, e age das mais diversas ma



neiras. Mas não te enganes: brota da mesma nascente e desemboca no mesmo oceano.

— Não viaja.

O jovem não desviava o olhar da imagem ao longe. O sol daquela tarde fazia sua pele morena arder com um alaranjado vivo. Tanto tempo focado na mágoa o havia feito esquecer o quanto havia sido feliz na infância, e o quanto o pequeno Daniel havia mudado. Será que Gustavo ainda se lembrava dele?

O vulto, impassível, continuou:

— Há mais para ser visto.

Ambos foram envolvidos por uma revoada de borboletas. Daniel se esforçou para encarar pela última vez o seu eu do passado, e por um momento lembrou-se de como era acreditar sem reservas, até que toda a cena se desmanchou diante de seus olhos. Logo se viram flutuando sobre uma rodovia em noite quente. O céu estava limpo, e a luz da lua era como um grande farol para os navegantes do asfalto. Não havia muitos carros nas vias e tudo estava calmo.

— Consegues ver aquele veículo vermelho? — Perguntou a Morte. Daniel reconheceu rapidamente a bicicleta presa na traseira do automóvel. — Nele estão Gustavo, seus pais e sua irmã, um dia depois da tua despedida.

O veículo seguia estável na pista, até que o caminhão que vinha na mão contrária perdeu o controle e se chocou de frente com o carro da família. Daniel sentiu-se desfalecer enquanto o caminhão tombava e o carro era atirado no matagal ao lado.

— NÃO! — gritou o rapaz, brigando contra a força que o segurava no ar e o impedia de correr para o lugar do acidente — NÃOO!

— Sem sobreviventes. — Disse a Morte, guardando para si qualquer sinal de comoção.

Após minutos de relutância em que a Morte simplesmente o observou sem reservas, Daniel se viu imóvel no ar, com a mão tampando os lábios e os olhos em chamas, observando enquanto outros carros paravam na pista e o caos se instaurava.

— Ele estava indo fazer um tratamento novo, ia dar certo!



— Não te altere, Daniel. Já se passaram anos.

— E eu pensei que... — Suas mãos tremiam com o choque. Então vivera os últimos anos culpando Gustavo ao invés de acreditar em sua amizade? — Pensei que ele tivesse me esquecido!

— Mas fostes tu quem o esqueceste, não?

O rapaz sentiu o arrependimento torcer-lhe o estômago e desejou como nunca na vida poder voltar o tempo. A cada segundo havia mais coisas para serem ditas, mas que teria de sufocar para sempre em seu tumulto. Olhou para as estrelas que iluminavam o céu daquela noite acidentada, e lembrou-se do amigo dizendo: “Eu quero viver muito”. Estavam no quintal da casa de Daniel, em uma noite estrelada de inverno. Olhavam para cima enquanto Gustavo dizia: “Logo, logo os humanos vão poder viajar no espaço. Por isso eu tenho que viver muito, pra poder passear entre as estrelas”.

— Ele ia se curar... Ia crescer com saúde... Jogar vôlei. Como sou idiota. — Cobriu o rosto com as mãos, com vergonha de si mesmo. — Daria tudo para vê-lo...

A Morte, pensativa, disse:

— Isso não é tão difícil. Se Gustavo estivesse neste plano — O vulto negro lentamente puxou a máscara, e afastou o capuz — hoje estaria assim.

Naquele momento, Daniel subitamente desaprendeu a respirar. Era o rosto de Gustavo, alguns anos mais velho, mas com o mesmo frescor de antes. Ainda tinha o mesmo nariz redondo, os lábios finos, agora mais pálidos, e os longos cabelos castanhos caindo sobre o rosto esticado daquela maneira toda peculiar. Entretanto, o olhar ainda era o que se escondia por trás da máscara: frio, dissimulado, com uma vida própria que se distinguia do restante do corpo. O peso daqueles olhos lhe causava ansiedade.

— Há mais uma coisa para ser vista. — mesmo com seu tom impassível, a Morte parecia estar se divertindo. E mais uma vez as borboletas negras surgiram noite adentro.



— Mortais são na maior parte do tempo desprezíveis, mas conseguem também ser engraçados. — Disse a Morte, com uma sensualidade felina — Um dia acordam e começam sua “busca pela felicidade”. Decidem que a tal felicidade está em um trabalho, em um lugar, ou pior, em outra pessoa, que por sua vez segue em busca de sua própria felicidade. É uma batalha perdida, sabeis bem. Olhes para ti mesmo... Tens se dedicado a tantas coisas, mas...

Daniel, atordoado por todas as palavras não ditas que insistiam em lhe bloquear a garganta, ignorava tudo que a sua companheira dizia debochadamente. Sentia-se como no próprio inferno por ter de encarar o rosto de Gustavo, sem poder fingir que eram mentira todos os anos de ressentimento em que torceu para que o amigo estivesse tão infeliz quanto ele se sentia.

— A felicidade está em alimentar aquilo que te faz eterno. Isto é o que sustenta as almas e deveria mover seus corpos.

Estavam em meio a uma avenida movimentada. O cheiro de escapamento de carros, a voz de estranhos se sobrepondo a todo momento, tudo era estranhamente acolhedor. A maioria das lojas já não existia mais, mas Daniel logo reconheceu a sorveteria onde ele e Gustavo passavam tardes que pareceram infinitas, mas que hoje não passavam de desenhos na areia. Sentia na boca o sabor do sorvete de limão que há anos não provava, e se arrependeu por ter negado a si mesmo esse pequeno prazer. Voltar aquele lugar sabendo que o amigo estava morto era como caminhar em brasa.

— Por que estou vendo isso?

A Morte manteve-se em silêncio, observando-o ao fundo. O cenário logo mudou, e eles se viram nos portões da escola do fundamental, abarrotados de crianças indo para casa. As paredes de tijolos vermelhos e toda a área verde que a circundavam já não eram tão assustadoras ou solitárias como ele se recordava. Na verdade a vontade de entrar e caminhar mais uma vez por aqueles corredores crescia a cada segundo. Gustavo não estava em nenhum desses lugares, e sem eles havia um vazio maior do que Daniel poderia preencher só com lembranças.

Paredes brancas emergiram do chão e logo se tornaram parte de



um salão de festas com música e jovens empolgados. Daniel aos poucos reconheceu cada um deles. Estudaram juntos no fundamental, e pelo visto todos eles seguiam muito amigos.

— Vamos tirar uma selfie da turma! — Disse um dos rapazes da festa.

— À melhor turma que já passou por aquela escola molambenta! Juntos, fizeram pose para a câmera.

— Eu já entendi — Daniel encarava os próprios pés. — A vida seguiu, e ele não mais existe em lugar algum, porque você o tirou de mim e...

— Tire as travas de teus olhos, Daniel.— Interrompeu a Morte.

Ela se aproximou e tocou o coração do rapaz. Seus dedos penetraram na carne do jovem assustado, e tirou de lá um pequeno cristal translúcido:

— Este é um fragmento do espírito de Gustavo. Esta é a verdadeira herança da tua espécie.

— M-mas...

— Cada característica única, cada lembrança que tens dele aglomerou-se nesta peça. Mais ninguém naquela avenida, na escola ou entre aqueles jovens tem guardado um pedaço da alma de Gustavo, como tu tens. Eles simplesmente esqueceram dele.

Deitou o cristal nas mãos de Daniel, que o observava com afeto desmedido.

— Ele esteve vivo em ti todo este tempo, mas agora...

—... Agora eu vou morrer.

As paredes começaram a ruir como se feitas de areia, e as pessoas ao fundo desapareceram, restando apenas ecos de suas risadas.

— Ambos morrerão hoje.

— Levarás Gustavo para o esquecimento.

Daniel pressionava o cristal contra o calor do próprio peito. Estavam de volta em meio à avenida congelada. A Morte se aproximou, flutu



ando lentamente no ar.

— Chegou a sua hora.

Com um gesto de mão dasua algoz, o rapaz sentiu seu corpo se elevar, e percebeu estar suspenso por fios tão finos quanto fios de cabelo, e brilhantes como cristais púrpuros. Apesar do semblante confuso, não oferecia resistência. Apenas fitava o pequeno fragmento que reluzia entre seus dedos.

A Morte se elevou até ele, envolta em sua capa esvoaçante, deixando seus corpos insuportavelmente próximos. Os sinos voltaram a badalar em algum lugar do passado.

— Não havia nada que eu pudesse ter feito, havia? — Daniel questionava a si mesmo com sinceridade, e a proximidade do rosto de Gustavo o fez querer tocá-lo.

Seus corpos se entrelaçavam no ar e cada e vez mais fios surgiam em torno do corpo de Daniel, vindos de todas as direções. Borboletas rodeavam ambos com certa distância, como que em respeito à ocasião. Acariciando a face do rapaz com um prazer sádico, a Morte aproximou seus rostos, pronta para dar o beijo que selaria para sempre o destino do jovem. Antes, tocou o cristal entre os dedos de Daniel, que instantaneamente despertou de seu torpor e afastou a mão, gritando:

— NÃO!

A face do rapaz queimava com uma coragem que ele nunca demonstrara possuir.

— Isto me pertence. ¬ Ambos me pertencem.

— Ele confiou a alma dele à mim! — Daniel, sem perceber, reluzia sutilmente. Um sorriso cruzou os lábios da Morte.

— A alma dele nunca pertenceu apenas a ti. Não deverias ser tão tolo, mesmo depois de tudo que lhe foi apresentado.

— Co-como assim?

— Fosse este o caso, partindo hoje ou daqui a cinquenta anos, ainda assim o levarias contigo e o condenarias ao esquecimento.

Daniel refletiu por um tempo.

— Mas o que eu poderia ter feito?

A Morte encostou a testa junto ao rosto do rapaz e ele instantane-



amente viu mais passagens de sua vida com Gustavo. O amigo se esforçando para sorrir mesmo com o sabor amargo dos remédios, segurando Daniel para que desse passagem às crianças mais novas ou contando piadas para alegrá-lo. Aquele garoto franzino fora uma fonte inesgotável de positividade e compaixão.

— Olhe quanta coisa aprendestes com ele, Daniel...

E mesmo preso nos braços da Morte, o rapaz não teve mais medo. Sabendo o quão abençoado fora por ter tido a chance de conhecer Gustavo, Daniel decidiu não chorar ou reclamar. Seu corpo passou a brilhar como uma estrela no céu escuro, e sorriu placidamente diante da Morte, pois era o que Gustavo teria feito.

A Morte, por sua vez, sorria. Foi exatamente o que Gustavo fez.

— Farias um acordo comigo? — perguntou a Morte, calmamente.

— Sim! Qualquer coisa!

O rapaz brilhava ainda mais, e pela primeira vez, o vazio daqueles olhos não o intimidou. A Morte sussurrou em seus ouvidos:

— Então viva. — E o soltou.

Os sinos cessaram, mas a ventania prosseguia. Os fios desapareceram lentamente e Daniel flutuou de volta ao chão, onde pousou de joelhos. “Então viva” se repetia em sua mente como um mantra.

— Desculpa, eu... Eu não entendi.

— Se queres viver, viva.

Borboletas negras circulavam livremente entre os dois, que se estudavam mutuamente.

— Mas eu quero que Gustavo viva comigo!

Um brilho imperceptível de ternura cruzou o olhar da Morte.

— Para que ele viva contigo, terá de viver através de ti. Tu serás o canal entre ele e o mundo, e através de tuas ações teu amigo tocará outros corações, que tocarão outros.

Daniel não era o tipo de pessoa que “tocava corações”. A vida parecia mais simples quando acreditava que ser bem comportado lhe garantiria o paraíso.

Como que lendo seus pensamentos, a Morte disse:

— Esqueças o que ouvistes por aí, e guardes bem o que lhe digo: a



eternidade não é um privilégio individual. É um tesouro concedido àqueles que estão dispostos a viver através do teu próximo.

Daniel apertou o cristal contra seu próprio peito. Cada batida de seu coração era como um apelo de Gustavo, pedindo para sair. Fora uma pessoa tão boa, cheia de compreensão, paciência... Amor. Como poderia passar isso para frente? Pra quem deveria transmitir tais virtudes?

Como se lembrasse de algo importante, Daniel perguntou, disfarçando o medo da resposta:

— Então... Você não vai me levar agora?

— Este é o brilho da verdadeira vida — ela apontou para o jovem, que percebeu estar emanando um brilho forte e opaco — A vida que luta para seguir seu curso, que conhece seu significado. Provaste que mereces uma segunda chance.

A Morte fixou o olhar nele por alguns segundos. O rapaz preferiria que ela usasse a máscara, já que encarar o rosto de Gustavo o perturbava e entristecia.

— Recuperastes o proposito original. Mas se soubesses o quão difícil é a tarefa que te comprometestes a realizar, possivelmente terias preferido perecer.

A brisa transformou-se em uma ventania estável, e a temperatura subiu gradativamente.

Enquanto observava a Morte se afastar no ar, o rapaz pensava no quanto gostaria de ver Gustavo uma última vez. Foi quando viu ao longe as vestes da Morte se dissolvendo em borboletas negras, dando lugar à roupas simples, como as que Gustavo adorava usar. Calça jeans, camiseta branca e um colete cinza. Daniel viu então o rosto da Morte — o rosto de Gustavo — tranquilizar-se. Suas bochechas ganharam um avermelhado característico, e seus olhos se enterneceram. Um sorriso contagiante contornou aqueles lábios, que sussurraram claramente “Estarei sempre ao seu lado”. Com o coração transbordando palavras confusas e sentimentos tão familiares, Daniel seguiu desesperadamente o amigo, que flutuava para longe. Pulou sobre um carro e saltou tão alto quanto suas pernas permitiam. Gustavo sorria como se o esperasse, e mesmo antes de seus corpos se encontrarem, seus lábios se tocaram. Daniel sentiu contra si toda



a ternura palpável daquele que havia dado a sua vida novo significado. Abraçaram-se com força e fitaram-se por alguns segundos com ardente devoção. Não existiam mais palavras para serem ditas. No fundo de seus olhos estavam registrados todos os anos amargos que antecederam o reencontro. Cercados de luz, entenderam que nenhum outro gesto poderia transmitir toda a urgência que sentiam um do outro. E mais uma vez, beijaram-se.

Mas em questão de momentos, o corpo de Gustavo se enrijeceu, a temperatura ao redor despencou e Daniel não conseguia se afastar da boca do amigo. Sentiu em seus lábios o calor do inferno, ouviu gritos de almas condenadas ao sofrimento sem fim, e o choro dos que viviam um tipo diferente de eternidade, recebendo todo o mal que fizeram e pelo qual serão sempre lembrados. Seu corpo paralisado não respondia aos impulsos de soltar-se, e lentamente sua consciência foi mergulhada em trevas profundas.

Submergindo em trevas, ouviu uma voz ao longe sussurrar: “Não ouses provar novamente do beijo da Morte, Daniel. Não serei tão gentil dá próxima vez”.

— Já estamos chegando ao Centro de Pronto Atendimento, precisamos de mais dois para carregar a maca!

Ainda acostumando os olhos à luminosidade, Daniel reconheceu aos poucos o interior de uma ambulância, onde ele era transportado aos cuidados de um enfermeiro que provavelmente conversava com o motorista. Chegando ao hospital, ouvia diálogos entrecortados de pessoas dando diagnósticos apressados, de onde conseguiu entender poucas coisas, como “Foi uma batida feia!” e “Parece que vai sobreviver”.

— Eu não vou sobreviver — sussurrou Daniel, sem que alguém de fato ouvisse. Uma borboleta negra pousou em seu peito, e ele sorriu com dificuldade — Eu vou viver. Para sempre.



Sommeliers do Sentimento...

Por Carlirio Gomes dos Santos Neto



Em três diferentes atos, esta história fala, com toda a simplicidade do cotidiano, dos diferentes sentimentos das pessoas em diferentes situações que podem levar a alguma forma de frustração em diversos níveis.

Se seguirão três atos representativos, comuns e com sentimentos distintos. Para cada um há seu valor atribuído, que difere do outro. Este humilde narrador lhe convida, agora, à refletir sobre cada um destes atos e imaginar se, realmente, os mesmos possuem equivalência ou não...

Ato #1 – O berço da inocência...

O barulho nas ruas era realmente gigantesco. Um garoto portando uma pasta em seu poder corria desesperado para a esquina mais próxima, visando atravessar a caótica avenida por meio da faixa segura.

– Ai! Droga, não agora...

O jovem havia tropeçado em uma vala aberta na calçada. Na verdade houve um exagero aqui, pois era um pequeno (porém perigoso) vão rachado entre uma pedra e outra, típico material usado nos calçamentos mais antigos. A expressão zangada dele confrontava-se com os olhares alheios, de pessoas que queriam muito rir dele naquele momento.

– Esses miseráveis... Não souberam me ajudar mas sabem “tirar uma onda” de mim...

Esbravejou em pensamento o rapaz que, de maneira cautelara, ergueu-se e continuou em sua jornada até a esquina mais próxima. Sua ideia de atravessar aquela densa via, em segurança, era real e não algo de momento. Nada era temido por ele. Infelizmente, isto não durou muito tempo.

– Oh! Oh! Oh! E... Ei! Olha por onde anda!

E o jovem pedestre, na velocidade que exige o cotidiano em área urbana, acabou sendo vítima de alguém que corria em sentido contrário ao dele e que, para variar um pouco, não o observou na calçada. Ele mal conseguia se aguentar de tanta raiva interna.

– Mas... Isso é uma droga! Que pessoal mais mal-educado.

Não adiantava muito esbravejar. O rapaz tinha era que seguir adiante com o seu derradeiro trabalho que, naquele momento, lhe exigia atravessar aquela avenida de intenso tráfego. Porém, o jovem estava desti-



nado a pensar que aquela calçada conseguia ser ainda mais movimentada que a própria avenida em si.

Eis que o jovem finalmente chegara na esquina, onde ele tanto desejava. Igual a ele, muitas pessoas lá estavam aguardando o sinal ficar verde para quem iria atravessar pela faixa segura. Pelo que o jovem já havia passado, certamente aquele seria um momento da mais pura e simples consagração.

Entretanto, ele estava começando a ficar tenso e com grande razão. O sinal demorava demais para liberar passagem aos pedestres. De maneira direta, a preferência estava para os veículos, que ali transitavam com imenso fulgor.

– Que raiva! Que raiva! Mas que raiva!

O rapaz já estava saturado. Havia perdido a chance de atravessar duas vezes seguidas. Na primeira porque ficou procurando um documento dentro da pasta que carregava, com receio do papel ter acidentalmente saído da mesma em sua queda ou no esbarrão que sofrera anteriormente. E quanto à segunda oportunidade, ele preferiu ficar encarando uma discussão do que apenas atravessar a avenida. E nisto os segundos preciosos foram passando.

Em dado momento, o jovem apressado pôde sorrir um pouco. O sinal havia aberto para os pedestres. E ele, em sua jornada rumo ao outro lado da rua, passou pela faixa segura como um veículo de Fórmula 1 cruza a reta da linha de chegada. Por fim, lá estava o jovem aventureiro urbano em seu destino, sendo este a calçada situada ao outro lado daquela temível avenida.

Ele poderia, enfim, seguir adiante em sua jornada e entregar o precioso documento no escritório. O momento da redenção estava por chegar. A alegria não era visível, mas situava-se dentro de seu corpo e mente. Tudo parecia dar certo para o rapaz a partir daquele instante.

– (...)

O rapaz ficou parado. Ele já havia atravessado a rua, então não havia necessidade de ficar ali parado como se fosse uma árvore enraizada naquele local. Algo havia chamado a atenção dele ao ponto de olhar para trás e notar que alguém precisava de auxílio. Sim, uma senhora de idade



estava lá, tentando aguardar pelo tempo perfeito para atravessar, mas visualmente, não parecia que ela iria conseguir realizar a mesma tarefa que o perplexo jovem havia recém realizado.

Aquela senhora fez o moço ponderar bastante. Talvez fosse sim necessário ajudá-la. De outra forma, era necessário ser rápido, pois ele já havia perdido muito tempo só naquela avenida. Um olhar rápido para o relógio de pulso o deixou ainda mais pensativo. O tempo era, verdadeiramente, o seu maior e indubitável inimigo.

– Com licença, minha senhora.

– Hum? Que foi, filho? – disse a voz trêmula daquela senhora, castigada pelo passar dos anos mas ainda cheia de vida.

– Vou lhe ajudar a atravessar a rua...

– Como? Vai me ajudar?

– Sim, estive observando de perto. Se a senhora quiser, é claro.

A senhora não pensou duas vezes em estender a mão esquerda para aquele jovem, em claro gesto de quem aceitava a sua ajuda. Nisto, o rapaz sorriu gentilmente e, levando sua pasta para a outra mão, com a direita segurou a mão daquela senhora e, aguardando como deveria, ajudou-a a atravessar aquela intensa avenida e sua tão idolatrada faixa segura.

Já no outro lado da via, a gentil senhora não poupou elogios ao jovem que a amparou no momento certo.

– Muito obrigada, meu filho... Que Deus lhe dê em dobro pela sua boa e gentil ação.

– De nada. Siga em paz!

A senhora se distanciava vagarosamente, ao mesmo tempo no qual aquele rapaz ficava contemplando-a à distância. Possivelmente ele pensava em alguém de seu laço familiar, ou talvez nele mesmo quando se fizesse chegar em certa idade. Era o sentimento de contentamento em ter realizado uma boa ação que o amparava naquele instante. Tão único e reconfortante. Porém...

– Não é possível! Agora terei de atravessar isto aqui novamente! – levou as mãos ao céu – Não é possível...

E, em meio ao duro momento, o rapaz acabou retornando à sua



realidade...

Ato #2 – A concentração...

Agora, senhores, queiram levar o mouse até o canto superior direito e, lá, vocês verão o “x” que fechará a janela ativa. E então...

Após a fala do professor de informática, a aluna começou a falar consigo mesma...

– Que coisa mais chata... – bocejou a moça antes de prosseguir com a sua fala em mente – Que aula terrivelmente chata...

– Blá, blá, blá... – falas do professor.

– Nossa, vamos aprender a fechar uma janela, que coisa mais produtiva. Muito bom mestre, não sei como tu ainda não ganhou o prêmio Nobel da inteligência humana... – continuou a moça em pensamento.

– Blá, blá, blá... – falas do professor.

– Puxa vida, vamos então mostrar que para fechar uma janela é necessário fazer um curso básico de informática? É isso mesmo? Mas que tédio! Nossa, como isso é estimulante, interessante e altamente indicado para qualquer pessoa neste mundo... – a mente da jovem estava trabalhando muito bem, uma vez que ela aparentava realmente não estar nem um pouco à vontade ali.

– Blá, blá, blá... – falas do professor.

– Ah! Chega disto! Tenho que criar coragem, me levantar, dizer o que penso a este homem e sair desta sala... Aqui não é o meu lugar... – acabou falando com um baixo tom da voz a tediosa aluna.

Quando ela começou a se levantar, o professor disse algo de grande impacto para aquele momento...

– Não se esqueçam, alunos, de sempre salvarem seus trabalhos antes de fechar a janela deste prompt de comando.

A moça olhou assustada para o projetor no quadro branco e, depois, voltou-se para o monitor de sua máquina. O susto não lhe foi maior do que a surpresa que a acompanharia naquele momento...

– Não é possível! – começou a esbravejar para si mesma – Eu esqueci de salvar todo o trabalho!



Desesperada, a moça queria chorar. Foi então que o professor resolveu falar para toda a turma...

– Agora que vocês sabem como fazer cada detalhamento deste prompt, deverão executar a mesma sequência em cinco minutos e salvar nos seus desktops. Após isso irei em cada mesa olhar os trabalhos e, depois, vocês estarão dispensados.

A jovem parecia morta em sua cadeira, pois enquanto ela pensava no tanto que aquela aula não estava de seu pleno agrado, em nada havia prestado atenção nos ensinamentos de seu professor. Sentimentos conflitantes tomaram conta dela naquele mesmo momento.

– Quero morrer logo... – pensou a jovem, enquanto digitava qualquer coisa em seu computador.

Uma dura lição foi aprendida por esta jovem naquele dia...

Ato #3 – Seria uma realidade assustadora?

Um bar qualquer, situado à beira de uma rua. Era de noite, perto das vinte e duas horas aproximadamente.

Em uma das mesas daquele estabelecimento dois homens conversavam. Era um papo alegre e descontraído que ali se desenvolvia. Um deles estava vindo do trabalho, mas estava quente e por isso estava com o terno enrolado em um dos braços. O outro estava com vestimentas simples, podendo sugerir que já havia se trocado após o seu emprego ou que estava em descanso naquele dia.

Tudo corria dentro da normalidade. Até que, em dado momento, um deles começou a fazer uma interessante ponderação.

– Este país não vai para frente porque está cheio de corruptos, salafários e sem-vergonhas no poder!

O outro homem, entusiasmado pelas palavras de seu amigo, resolveu acompanhar a proposta de tema do mesmo e resolveu também dissertar sobre tal.

– Sim, mas não esqueça que a população é também corrupta em boa parte.

– O que quer dizer com isso? – indagou o outro homem, espanta



do pela afirmativa que ele julgou como inusitada.

- É que reclamar sempre soa fácil... Difícil é fazer a diferença...
- Ah, pode parar com a lição de moral, “faz favô”...
- Lição de moral aonde? É a mais pura e tênue realidade aqui,

meu amigo...

– Ah, sim, sim... Falou o dono da razão... O super-protetor, o que tudo pode e tudo vê...

– Ei, ei... Pare com isso... Olhe meu exemplo... Trabalho, estudo, pago minhas contas em dia, separo o lixo, sempre que posso acompanho as reuniões da vizinhança... E ainda tenho tempo para aquele futebolzinho no final de semana...

– Ei, tu é uma máquina por acaso?

– Máquina? Nada disso. Sou tão humano quanto você... Digamos que apenas sou bem responsável...

– Tu mais parece uma máquina mesmo... Vive só pelo trabalho e pouca diversão...

– Nada disso. Enganado está você. Apenas faço o que me é necessário... Procuro viver da melhor maneira e busco ser um bom cidadão...

– Sei, sei... Humpf... – respondeu o homem, com a face incrédula.

– E você? Não trabalhou hoje? – a pessoa que buscava ser um exemplo questionou a outra com eficácia.

– Eu? Trabalhar? Para quê? – respondeu com uma face bem debochada, mas depois continuou – Fui demitido há pouco tempo, quero descansar...

Esta resposta não foi a mais esperada pelo homem que, mediante a dúvida que passou a lhe corroer a mente, colocou o seu terno sobre a mesa e questionou o seu amigo novamente na sequência.

– Quanto tempo, exatamente?

– Ah... Coisa de uns seis meses para cá...

– Como assim? Como tu tem vivido, homem?

– Moro na casa de minha mãe ainda... Ela e meu irmão mais novo trabalham, mas não quero procurar por um emprego ainda... Tenho algum valor ainda guardado.

– Mas... Que absurdo! Sabia que o trabalho dignifica o homem?



Espantado pelo o que seu amigo com terno perguntara, o rapaz levou o copo com cerveja à boca e, após um gole de tal bebida, respondeu-o sem aparentar ter muita pressa na fala.

– Sêrio? Agora que vou demorar a procurar um novo trabalho mesmo...

– Como? Por quê?

– Não gosto de burguesia... A nobreza me enoja... Logo não trabalharei tão cedo...

Incrédulo ficou o homem que estava vindo do trabalho. Mediante a sua frustração, ele não conseguiu pensar em outra coisa para dizer ao seu amigo.

– Eu não acredito em você...

– Não precisa disto, pois eu acredito em você...

– (...) – ficou totalmente calado o homem que chegara do trabalho, sem a mínima reação.

Mediante a demora de seu amigo em responder, o homem de vestimentas simples se levantou vagarosamente da mesa. Com um aceno de despedida para o seu amigo, ele lançou sua despedida de lá.

– Fui! Até já...

– (...) – incrédulo, o homem não pensou em outra coisa ao ver seu amigo ir embora daquele estabelecimento – Garçom! – ele chamou com o gesto clássico e, na presença de quem havia solicitado, humildemente questionou – Quanto ficou aqui a cerveja de hoje?

Pode ser difícil imaginar qual foi o sentimento que dominou o outro homem após ouvir tal frase. Mas o melhor é deixar que a vida mostre o caminho para ambos...

~ fin ~

Entre Lírios

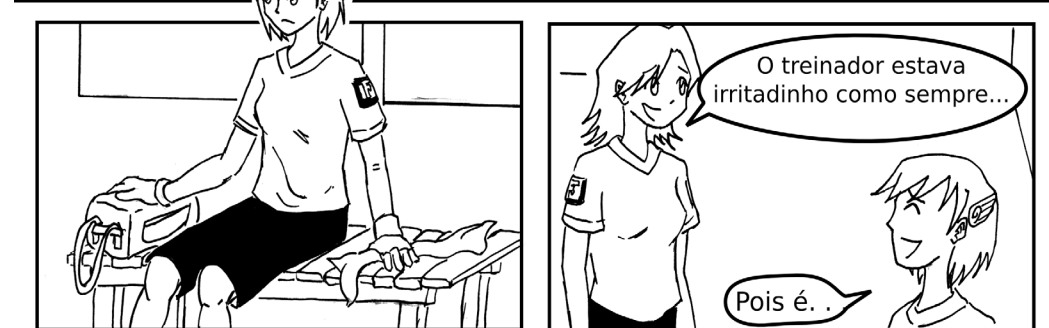
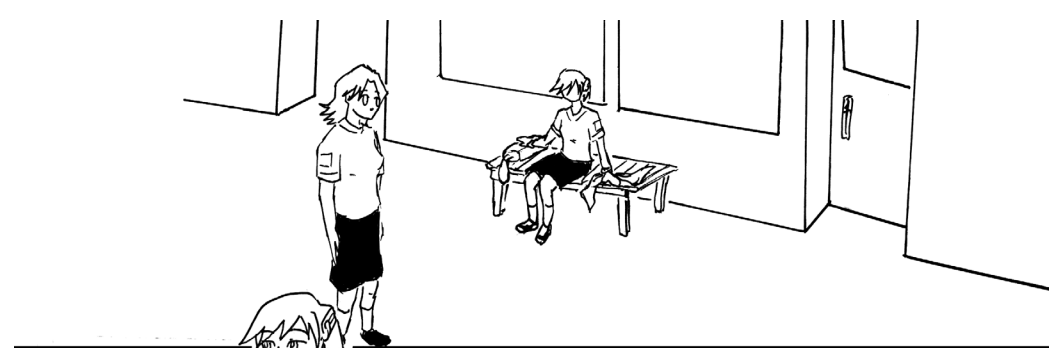
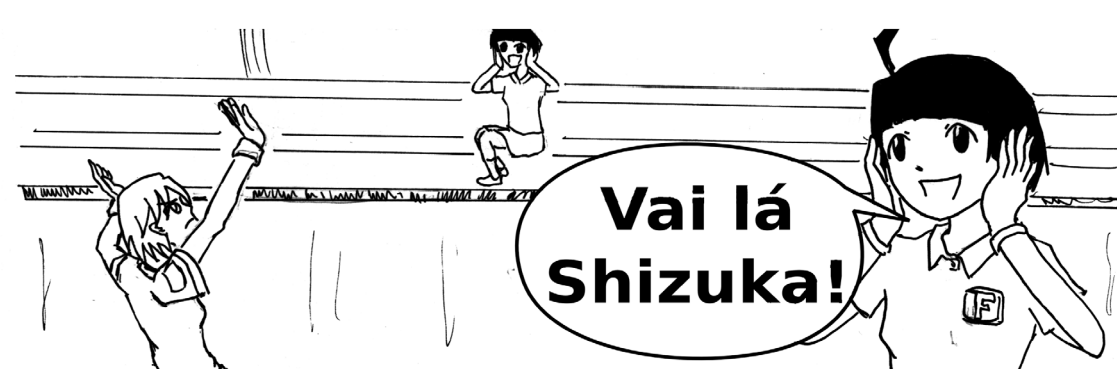
Capítulo 1

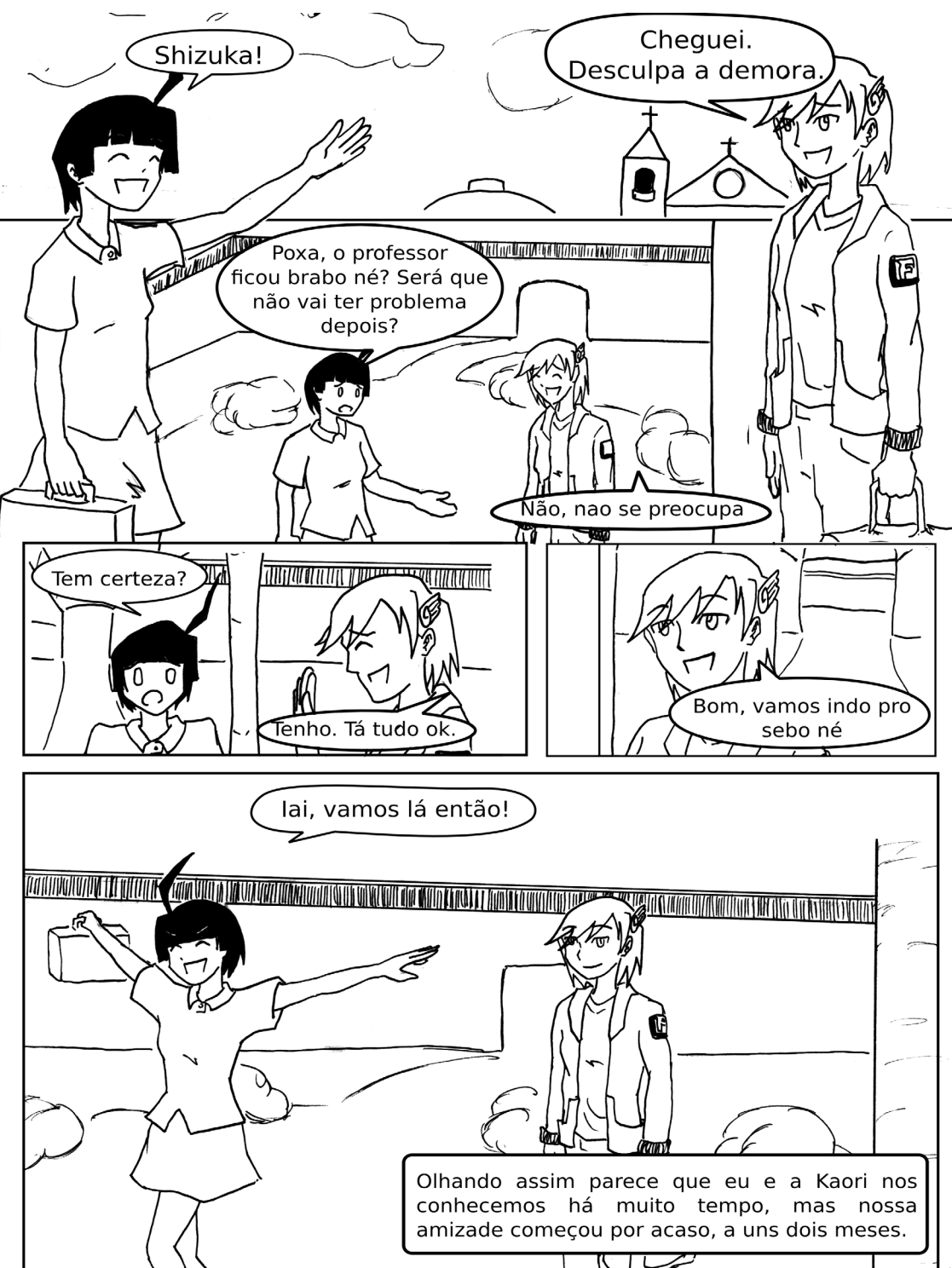


LizMazuki



revista *NUPO*







Aqui, me desculpe por isso.

Tudo bem, sem problemas.



Ei, esse é o Utena 1 originall! Que raro!



Você conhece shoujo-ai?

Tipo Kannazuki no Miko e tais? Sim



Er... Shizuka

N-Nossa! Muito prazer! Meu nome é Kaori e também adoro shoujo-ai! Que milagre encontrar alguém que também goste!

Shizuka?! Legal! Quais são seus mangás?! E casais?! E cenas?! De quais scans você costuma baixar?! E...

E, de repente, estávamos nos falando todos os dias...



Presente

Nossa, nem acreditei quando achei um volume original em um sebo aqui!

Só imagino o escândalo que você fez...

Hahaha! Eu só gritei e dancei, nada demais...

Sabia...



É mesmo ótimo ter alguém com quem conversar sobre shoujo-ai aqui nessa cidade do interior.



Apesar de que eu não consigo ser tão empolgada como a Kaori...



Mas, Kaori, não seria mais fácil encomendar esses mangás originais pela internet?



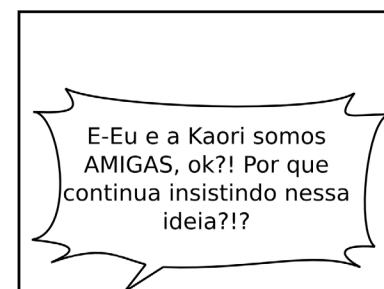
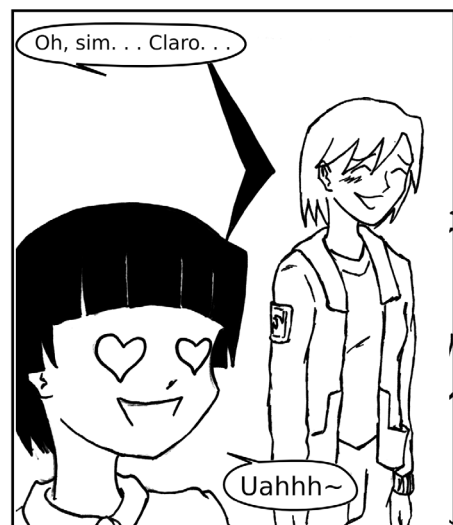
E como eu faria para esconder as capas dos meus pais?

Ah... Mas como vai fazer com esse?

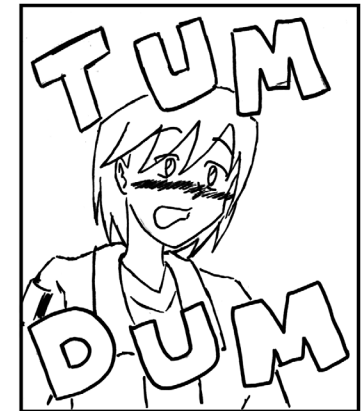
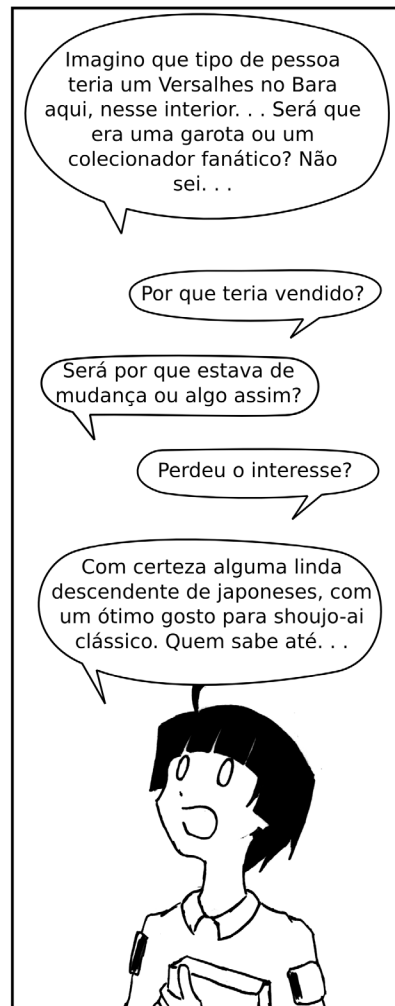


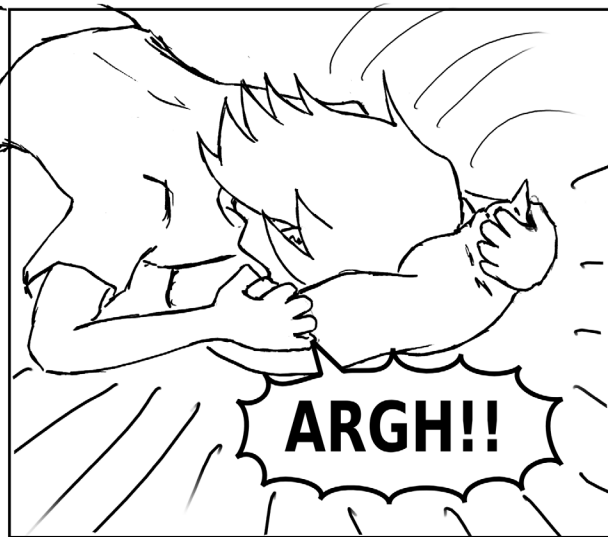
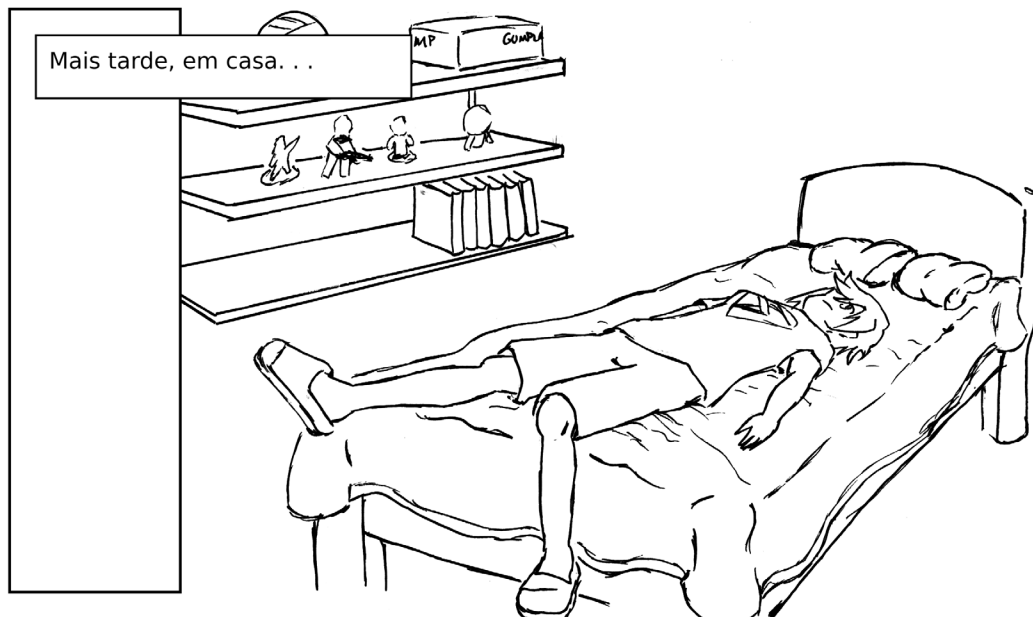
Ei, casalzinho!

Conheço essa voz...

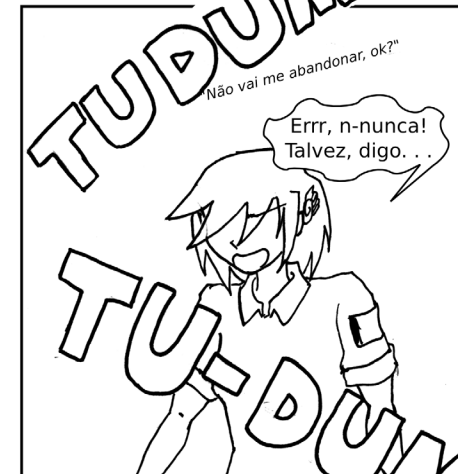
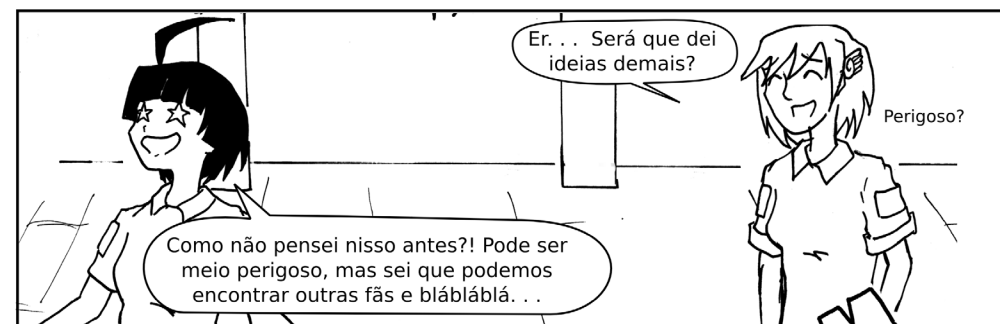
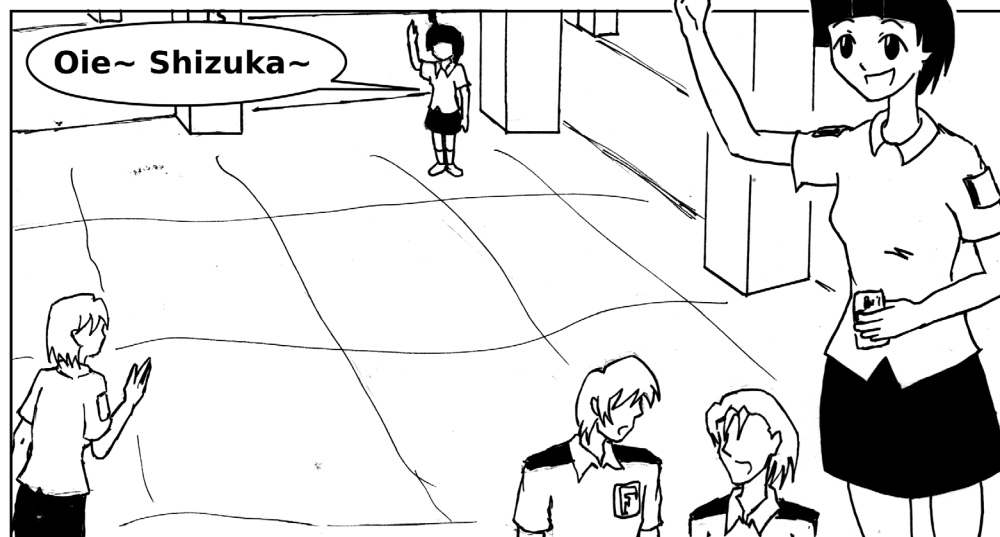


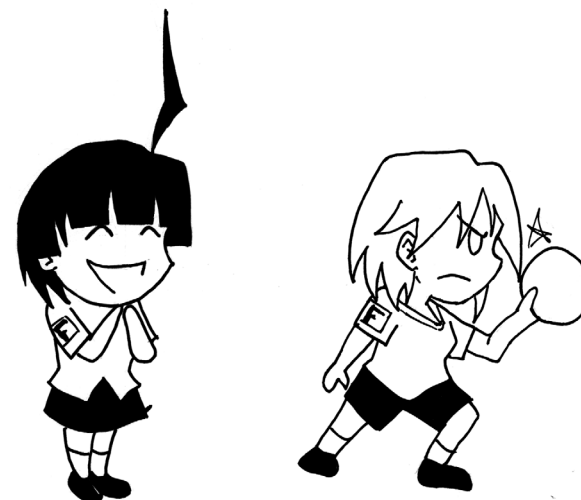
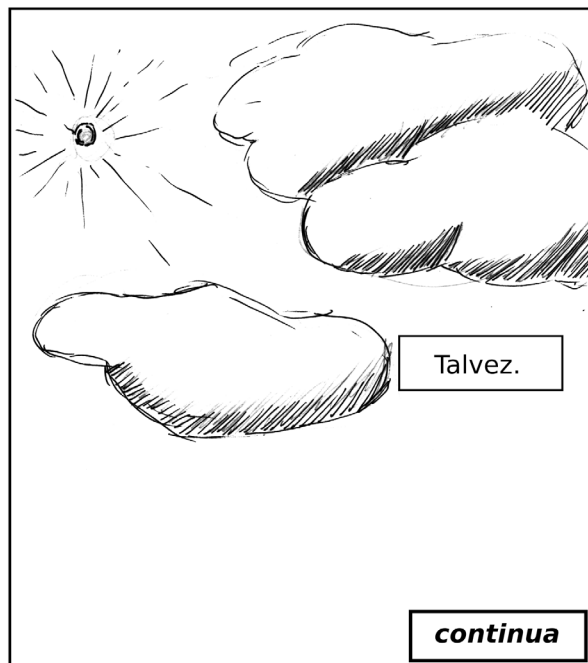
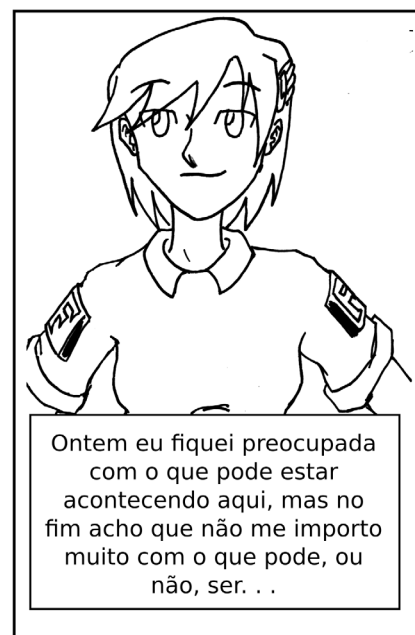
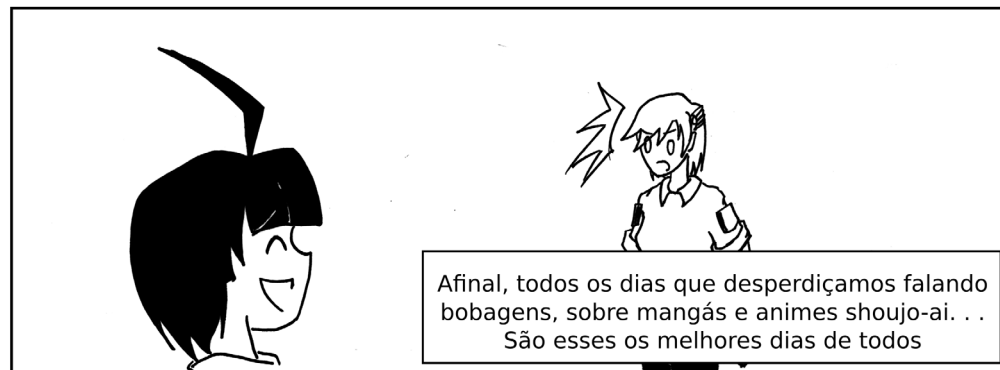






No dia seguinte. . .





Entre Lírios - Capítulo 01

LKMazaki
Kono-ai-Setsu
NUPO

2015



Acompanhe o blog do NUPO
Contos, quadrinhos, ilustrações e muito mais
<http://nupoblog.wordpress.com>

NUPO
Cooperação Criativa

Até a próxima edição!